

PESQUISA EM ARTE

PPRESIDENTE DA REPÚBLICA: Dilma Vana Rousseff
MINISTRO DA EDUCAÇÃO: Aloizio Mercadante

SISTEMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
DIRETOR DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA COORDENAÇÃO DE
APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES:
João Carlos Teatini de Souza Clímaco

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE
UNICENTRO**

REITOR: Aldo Nelson Bona
VICE-REITOR: Osmar Ambrósio de Souza
DIRETOR DO CAMPUS SANTA CRUZ: Ademir Juracy Fanfa Ribas
VICE-DIRETOR DO CAMPUS SANTA CRUZ: Darlan Faccin Weide
PRÓ-REITORA DE ENSINO: Márcia Tembil
COORDENADORA NEAD/UAB/UNICENTRO: Maria Aparecida Crissi Knüppel
COORDENADORA ADJUNTA NEAD/UAB/UNICENTRO: Jamile Santinello

SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

DIRETOR: Carlos Eduardo Schipanski
VICE-DIRETOR: Adnilson José da Silva

CHEFIA DEPARTAMENTO DE ARTE-EDUCAÇÃO

CHEFE: Daiane Solange Stoeberl da Cunha
VICE-CHEFE: Desirée Paschoal de Melo

COMITÊ EDITORIAL DO NEAD/UAB

Aldo Bona, Edelcio Stroparo, Edgar Gandra, Jamile Santinello, Klevis Mary Reali,
Margareth de Fátima Maciel, Maria Aparecida Crissi Knüppel,
Rafael Sebrian, Ruth Rieth Leonhardt.

**EQUIPE RESPONSÁVEL PELA IMPLANTAÇÃO DO CURSO DE
LICENCIATURA DE ARTE EDUCAÇÃO PLENA A DISTÂNCIA**

COORDENADOR DO CURSO: Clovis Marcio Cunha
COMISSÃO DE ELABORAÇÃO: Eglecy do Rocio Lippmann,
Márcia Cristina Cebulski, Gabriela Di Donato Salvador, Clovis Marcio Cunha



UNICENTRO
PARANÁ

Marcia Cristina Cebulski
Alexandre Leocádio Santana Neto

PESQUISA EM ARTE

COMISSÃO CIENTÍFICA: Clovis Marcio Cunha, Eglecy do Rocio Lippmann, Daiane Solange Stoeberl da Cunha, Evandro Bilibio, Maria Aparecida Crissi Knuppel

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Andressa Rickli
Espencer Ávila Gandra
Luiz Fernando Santos

GRÁFICA UNICENTRO

260 exemplares

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Unicentro-Guarapuava, Campus Santa Cruz

Cebulski, Márcia Cristina

C387p Pesquisa em arte / Márcia Cristina Cebulski, Alexandre Leocádio Santana Neto – Guarapuava: Unicentro, 2014.
115 p.

Bibliografia
ISBN

1. Arte. 2. Pesquisa. 3. Educação. I. Título.

CDD 20. ed. 700.7

Nota: O conteúdo da obra é de exclusiva responsabilidade das autoras.

SUMÁRIO:

APRESENTAÇÃO	09
CAPÍTULO I	15
CAPÍTULO II	27
CAPÍTULO III	43
CAPÍTULO IV	65
CAPÍTULO V	91
CAPÍTULO VI	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	109

PESQUISA EM ARTE

APRESENTAÇÃO

Senhoras e senhores,

Ser ou não ser? A dúvida, inerente ao dilema de Hamlet, da famosíssima peça de William Shakespeare, é recorrente em diversos momentos de nossas vidas. Em se tratando de Pesquisa em Artes, não poderia ser diferente. Por onde começar? Quais instrumentos ou autores adotar? Qual caminho metodológico trilhar? Enfim, a dúvida, por si só, é um pré-requisito relevante para uma pesquisa. Acompanhada por uma problemática sincera, torna-se uma importante aliada no compromisso com a melhoria da qualidade do ensino de Artes.



Imagem 01: ator Laurence Olivier (1948), adaptação de Hamlet para o cinema. Disponível em: <http://literatura.atarde.uol.com.br/?p=648>

Acesso em 13/05/2013

Talvez tenha chamado atenção a expressão *problemática sincera*. Assim sendo, é fundamental, nessas primeiras palavras, debruçar-nos sobre ela. Na verdade, entendê-la não requer muito esforço, e é bem possível que logo na primeira leitura, já seja possível compreender o seu sentido.

Sem correr o risco de ser redundante, tenha-a sempre em mente – em cada linha, parágrafo ou capítulos lidos deste livro. É relevante o que você pretende pesquisar? A pesquisa ajudará quem trabalha com Artes na Educação Básica? Possui relação com a realidade vivida pelos profissionais da área? Vale a pena pesquisar sobre um determinado assunto que “martela” a sua mente? Quais contribuições serão legadas ao curso a distância de Arte-Educação?

Tais questionamentos, no decorrer dos seus estudos, tornarão sua leitura mais objetiva, ou seja, você não vai perder o foco do que realmente interessa como meta primordial a ser atingida. Para além de uma realização pessoal (graduar-se), sua futura pesquisa poderá constituir uma importante contribuição acadêmica. Sobre esse último aspecto, muito será discutido no decorrer deste estudo.

Uma pesquisa em Artes merece o devido reconhecimento, mas calma! Vamos passo a passo. Tal reconhecimento em nada tem a ver com a busca por ficar famoso ou coisa do gênero, mas em conquistar o respeito daqueles que atuam na área, uma vez que seu objeto de estudo poderá colaborar para um melhor entendimento da realidade concreta vivida pelos profissionais em questão. Ou seja, seu objetivo pessoal torna-se coletivo, a partir do momento em que sua pesquisa abrange seus pares e não apenas sua própria (ou futura) prática docente.



Imagem 02: Acervo Márcia C. Cebulski (adaptado).
Disponível em: http://duas-ou-tres.blogspot.com.br/2011_01_01_archive.html.

Acesso em 31/05/2013

Tenha sempre em mente: uma pesquisa bem sucedida pode interferir positivamente na vida de muitas pessoas, sobretudo, na daquelas que compõem comunidades escolares ou demais ambientes de aprendizagem, dos quais você participa, ou potencialmente, participará com o passar dos anos. Ou seja, seu projeto de pesquisa tem relação direta com sua carreira profissional.

Percebeu um detalhe? São vários questionamentos e, certamente, surgirão outros. Como diz o velho ditado, é de ficar com a “pulga atrás da orelha”, não é mesmo? Ainda nem entramos nos aspectos pertinentes à pesquisa em Artes, e um turbilhão de indagações nos acomete. Imagine você, quando a pesquisa estiver em andamento? Mas é assim mesmo! Nas palavras de Madalena Freire para “[...] pensar e aprender tem-se que perguntar. E para perguntar é necessário existir espaço de liberdade e abertura para o prazer e sofrimento inerentes a todo processo de construção do conhecimento.” (FREIRE, 1997, p.17).

Porém, não há motivos para sofrer antecipadamente. Entenda que a “pulga atrás da orelha” é essencial. De fato, é o motor motivacional da pesquisa. Excluir a dúvida ou desconfiança motivada por quem questiona, é tornar desnecessária a pesquisa. Afinal de contas, se não há dúvida, para que pesquisar? Como resolver um problema se não somos capazes de detectá-lo? Compreende?

As indagações continuarão, mas não se preocupe! A inquietação é um exercício saudável, que requer reflexão e criticidade constantes, daí a importância de manter o foco, e estabelecer um *recorte temporal*, uma *problemática* sincera, a *justificativa*, os *objetivos*, os *instrumentos* e os *métodos* de pesquisa. Esses

termos estão em itálico para destacar que, em se tratando de pesquisa acadêmica, eles serão a essência do que você deverá se apropriar, conceitualmente, antes de colocar em prática o seu estudo. Naturalmente, é assim que aprendemos a dialogar academicamente, sem “achismos” e sentidos-comuns.

Um projeto de pesquisa partirá sempre de um problema (questionamento) SEM RESPOSTA. Do contrário, para que servirá o seu trabalho? Ou seja, será o seu estudo, a sua investigação, o fator que desencadeará possíveis respostas, algumas (talvez todas) provisórias ou adequadas a uma dada realidade ou momento histórico. Porém, não há motivos para aflição! Como começar e quais subsídios teórico-metodológicos devem estar associados a sua futura pesquisa e são esclarecidos neste material didático-teórico.

Dito isso, o primeiro capítulo tem como objetivo ilustrar a sua importância enquanto pesquisador. O título é uma provocação “– Ei, pesquisador: você reconhece a sua importância?”, que tem o intuito de instigá-lo (a) a perceber o relevante papel que você exercerá ao se inserir num contexto cuja perspectiva não se encerra na elaboração protocolar de um projeto de pesquisa, mas na efetivação dos primeiros passos de sua carreira profissional. Para melhor situá-lo (a), serão tecidas considerações acerca da Educação a Distância, bem como procedimentos inerentes ao pesquisador, como, por exemplo, o cadastro na Plataforma *Lattes* e das normas da ABNT.

O segundo capítulo contemplará noções gerais a respeito de um projeto de pesquisa, dentre eles, os cuidados do pesquisador em relação às fontes escolhidas, a procura por autores que corroboram com seu objeto de estudo, bem como a estrutura de um projeto. A questão da formatação e da adequação da escrita, que irá compor seu projeto, é fundamental para que o mesmo possa ser validado. Portanto, atenção redobrada aos detalhes.

O terceiro capítulo é uma extensão do segundo, e poderia estar integrado a ele. No entanto, optamos pela segmentação para facilitar o seu entendimento sobre o que vem a ser um objetivo de pesquisa e demais aspectos a ele relacionados. Autores especializados apoiarão nossa consulta, bem como questões relevantes serão evidenciadas e respondidas para facilitar seu entendimento.

Avançando, o quarto capítulo é uma leitura para apaziguar os seus ânimos. Depois do amplo espaço dedicado à formatação do seu projeto (detalhes técnicos), esse capítulo tem por fim instigar a sua subjetividade, mas também abordará questões como a importância do diálogo entre a Música, o Teatro, as

Artes Visuais e a Dança. Essa parte do trabalho é encerrada com o confronto dos dois referenciais importantes para os pesquisadores em Artes – os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná.

Abordando a ética na pesquisa em Artes, o quinto capítulo está embasado em autores atentos à temática em questão, e tem o objetivo de ilustrar e, se possível, mensurar a relevância da postura coerente a ser assumida pelo pesquisador, diante de seu objeto de estudo e do contexto a ser investigado.

O sexto capítulo servirá como tutorial de formatação, no que diz respeito ao seu trabalho de conclusão da disciplina de Pesquisa em Artes, e constituiu um importante exercício para aperfeiçoar a sua sensibilidade enquanto pesquisador e, ao mesmo tempo, tomar ciência de como suas intenções de pesquisa deverão ser apresentadas.

Além da divisão de capítulos, ao longo de todo o livro, foram dispostas caixas de diálogo cuja função é ampliar a interação com você, de modo a ilustrar alguns pontos que, possivelmente, numa primeira leitura, não tenham sido percebidos, e também servirão como indicadores para leituras complementares, além de ilustrar temáticas pitorescas e contribuir na orientação do seu futuro projeto de pesquisa. Assim sendo, estão organizadas da seguinte maneira:

- Fortalecendo argumentos

Trata-se de citações de autores especializados, que contribuem com apontamentos pertinentes a um assunto levantado.

- Fica a dica

Ilustra questões pontuais, que auxiliarão na leitura das entrelinhas (possíveis interpretações), e demais aspectos apresentados no transcorrer da escrita.

- Para quem tem a curiosidade aguçada

Elucida o que pode ser aprofundado por você, em breves ações de pesquisa virtual. Por isso, recomendamos a leitura desse livro, acompanhada, sempre, de uma aba aberta, num *site* buscador (*Google*, por exemplo), em seu computador, já que sua curiosidade será constantemente incitada.

- *Para refletir*

São apontamentos que incentivarão o leitor ou leitora, a voltar-se para si mesmos (as), num esforço reflexivo sobre a sua trajetória acadêmica e sobre o que pretende pesquisar no último ano da graduação em Arte-Educação.

Complementam esse livro, um caderno de atividades e uma lista de *links* úteis, situados após as referências bibliográficas. Para facilitar o seu entendimento, os exercícios dispostos indicarão o capítulo que pretendemos resgatar durante o seu aprendizado.

Detalhe importante! Utilizaremos a expressão “linguagens estéticas” para designar as diferentes formas de que a Arte se reveste, como a Música, o Teatro, a Dança e as Artes Visuais, cujo ensino é obrigatório, na Educação Básica. Tal nomenclatura está presente na Legislação Federal e na maioria dos textos acadêmicos sobre a Arte e o seu ensino em nosso país. Mas fique atento (a), por que há divergências quanto a essa terminologia, que pode variar consoante às diferentes concepções teóricas da arte e suas funções (essa questão pode estar presente na sua pesquisa!).

Senhoras e senhores, respeitável público da Educação a distância, do Curso de Arte-Educação da Unicentro, o espetáculo irá começar. Você estudante, é o protagonista e, nessa história, o final feliz será seu sucesso acadêmico. Portanto, mãos à obra e bons estudos. Aplausos serão ouvidos no final da jornada.

Prof^a Marcia Cristina Cebulski
Prof. Alexandre Leocádio Santana Neto

CAPÍTULO I

1.1 - Ei, pesquisador! Você reconhece a sua importância?

Segure-se na cadeira! A pergunta que ilustra o título desse capítulo talvez nunca tenha sido feita a você. Sua resposta não é simples, mas nada de crises existenciais, já que mal começamos o estudo que nos interessa nessa jornada. No entanto, caso você tenha a resposta na ponta da língua, ótimo! Do contrário, na íntegra deste livro, certamente, o estudo contribuirá para, ao menos, esboçá-la.

Partiremos do seguinte princípio: ninguém é capaz de responder tudo! Paulo Freire, grande educador brasileiro, reconhecido internacionalmente, concorda:

Ninguém sabe tudo, assim como ninguém ignora tudo. O saber começa com a consciência do saber pouco (enquanto alguém atua). É sabendo que sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais. [...] O homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber. E é por isso, que todo saber novo se gera num saber que passou a ser velho, o qual, anteriormente, gerando-se num outro saber que também se tornara velho, se

havia instalado como saber novo. Há, portanto, uma sucessão constante do saber, de tal forma que todo novo saber, ao instalar-se, aponta para o que virá substituí-lo. (FREIRE, 1981, p. 47).

Perceba que tudo aquilo que gira em torno do saber está fundamentado na renovação. Aos habitarmos a pele do sujeito que pesquisa, estamos sempre à procura de conhecimento. Na verdade, o mero ato de indagar sobre seu papel como estudante de Arte-Educação lhe coloca no contexto de renovação. Você realmente irá tomar consciência da sua condição e relevância, na medida em que seu grau de envolvimento com seu objeto de pesquisa se intensificar, a ponto de se tornar uma extensão de si mesmo, sobretudo, em termos acadêmicos. É natural, com o tempo, que a névoa da dúvida se dissipe, tornando as coisas mais claras até o término da sua graduação.

E por falar nisso, um trabalho de conclusão de curso, um artigo, uma resenha, uma dissertação ou tese, enfim, qualquer texto acadêmico escrito, passa, necessariamente, pelo crivo da clareza. Quem o lê ou pretende ler, precisa se deparar com um texto que esclareça, de forma objetiva, o teor de seu conteúdo. No mínimo, isso garantirá, ao leitor ou leitora, que determinada obra é ou não de interesse ao seu estudo. Compreendeu a dica?

Atenção! A pesquisa em Arte-Educação precisa de rigor científico como em qualquer outra área. Tal prerrogativa perpassa o criterioso modo pelo qual lançamos olhar à pesquisa. Faz-se necessário, portanto, estar fundamentado em teóricos dedicados às problematizações da área em questão.

Nesse tocante, Cunha e Mendes (2009, p. 80-81) afirmam que

[...] a arte aparece em todos os povos, de todos os continentes, em todas as épocas! A arte é a necessidade humana de se expressar, de se comunicar com seu (s) deus (ses), com seus semelhantes, consigo mesmo, criar e mostrar seus mundos, mas seu desenvolvimento, como arte, depende da sociedade, do ambiente no qual o sujeito sonhante está imerso.

Ou seja, estar sensível à realidade vivida pelos professores e professoras (nossos seres “sonhantes”) de Artes também é importante, e inclui as condições de trabalho nas escolas públicas, particulares e demais ambientes de aprendizagem não formais; os materiais que lhe são (ou não) disponibilizados; as dificuldades e preferências dos estudantes; os possíveis diálogos com outras áreas do conhecimento e a delicada relação com estudantes e seus familiares (a escola é um mundo social de constantes conflitos e interações), etc.

No que diz respeito aos estudantes – também seres “sonhantes” – Freitas e Teixeira (2010, p.116) afirmam que, aos professores de artes, importa “[...] conhecer como os processos envolvidos na cognição humana se articulam simultaneamente às demandas emanadas da vida em sociedade e das influências da cultura, entendendo que o aluno é um ser biológico, afetivo e psicossocial”.

Em suma, os profissionais da educação, dedicados ao ensino de Artes, ao exercitarem a sensibilidade, lançam um olhar apurado e criterioso para a Música, o Teatro, a Dança e as Artes Visuais, bem como demonstram capacidade de se relacionar com os demais sujeitos que integram o ensino-aprendizagem dessa disciplina.

Seu projeto de pesquisa é uma das maneiras pelas quais o curso de Arte-Educação expressará sua importância para a sociedade, ou seja, é a forma encontrada para se comunicar com seus pares, a partir de um estudo cuja relevância é indiscutivelmente necessária. No meio acadêmico, elegemos determinadas áreas enquanto pesquisadores. Para Strazzacappa (2009, p. 40):

A arte existe para que possamos nos expressar. Dizemos por meio dela aquilo que não conseguimos comunicar de outras maneiras. As diversas formas artísticas existem para responder às diferentes necessidades de expressão do ser humano. Uns se manifestam pela música, pelo teatro, outros pela poesia. Há aqueles que se expressam pelas artes plásticas e outros ainda pela dança.

Dentre tantos outros aspectos, esses precisam ser considerados, quando lançamos nosso olhar para um dado contexto, com o intuito de torná-lo objeto de estudo. Isto é, o pesquisador também é um ser sensível, que sofre e se regozija. Um ser “sonhante”, na medida em que está à procura de conhecimento pelas tortuosas vias da pesquisa acadêmica.

Estar atento à realidade que nos cerca traduz nossa sensibilidade e o rigor científico é a atitude que conduzirá o nosso olhar, tornando-o legítimo perante a comunidade acadêmica. Quanta responsabilidade, não é mesmo?

1.2 Educação a distância

A Educação a Distância, ao permitir a flexibilização de tempo (ao menos é o fator que motiva muitos a ingressarem nessa modalidade), exige certa autonomia do estudante, algo que também é desejável na modalidade presencial. Contudo,

essa autonomia é extremamente necessária nos cursos não presenciais. Para Aretio (1987, p. 60),

[...] a educação a distância é um sistema tecnológico de comunicação de massa e bidirecional, que substitui a interação pessoal, em aula, de professor e aluno, como meio preferencial de ensino, pela ação sistemática e conjunta de diversos recursos didáticos e o apoio de uma organização tutorial, que propiciam a aprendizagem autônoma dos estudantes.

Libâneo (2007, p. 15), ao voltar seu olhar para o século XXI, comenta que esse momento de nossa história

[...] está marcado pelos avanços da comunicação e na informática e por tantas outras transformações tecnológicas e científicas. Essas transformações intervêm nas várias esferas da vida social, provocando mudanças econômicas, sociais, políticas, culturais, afetando, também, as escolas e o exercício profissional da docência.

Ou seja, você que optou pela modalidade de educação a distância, está de alguma forma, sintonizado com seu próprio tempo e em consonância com os avanços tecnológicos da nossa era, uma vez que o campo de formação de professores não pode estar à margem da contemporaneidade.

Administrar o tempo de estudo coerentemente e ser disciplinado são critérios essenciais para aqueles que optam por fazer um curso a distância. Aqui, mais uma vez, cabe uma adaptação ao dilema shakespeariano: “ser ou não ser” um estudante autônomo e disciplinado? A resposta ou atitudes serão/são suas, ou seja, responda a si mesmo (a).

Fortalecendo argumentos...

“Na EaD um dos pilares da qualidade do ensino e da aprendizagem é a participação efetiva de todos os envolvidos, o compromisso profissional e o comprometimento ético-político voltados para o sucesso.”
(Sá, 2007, p.77).

Saiba, desde já, que sua capacidade de leitor ou leitora e seu senso crítico serão colocados à prova constantemente, e o mais importante: a exigência partirá, principalmente, de você mesmo, pois é a boa qualidade da sua graduação que estará em jogo. Obviamente, você poderá contar com os tutores, tarefas e materiais disponibilizados pelos professores, no entanto, a administração do seu

tempo de estudo é sua responsabilidade.

Nóvoa (1997) traz uma contribuição interessante, e mesmo sem se referir à educação a distância, podemos trazê-la para o nosso contexto. Em suas reflexões, é possível perceber a ideia de autonomia, necessária ao perfil de estudante:

Formar um professor é possível? Formar não, formar-se! O professor forma a si mesmo através das suas inúmeras interações, não apenas com o conhecimento e as teorias aprendidas nas escolas, mas com a prática didática de todos os seus antigos mestres e outras pessoas, coisas e situações com as quais interagiu em situações de ensino durante toda a sua vida. (NÓVOA, 1997, p.28).

Seguindo essa mentalidade, que confere ao estudante a distância, autonomia e protagonismo em sua própria formação, nessa modalidade de ensino, tempo é estudo, e saber administrá-lo é seu grande desafio. Claro! Esse desafio foi aceito, pois apesar da correria que deve ser sua vida, você se colocou nesse contexto acadêmico e, com certeza, redobrará os esforços para atingir a meta final – a graduação. Parabéns por ter se colocado nessa peleja: sua escolha foi ousada. Quanto ao seu desempenho, não há dúvidas de que a dedicação será a norteadora do caminho que você optou percorrer.

As primeiras orientações não param por aqui! Um detalhe importante há de ser considerado neste capítulo. Trata-se de uma atitude simples, porém obrigatória para todo pesquisador ou pesquisadora – o cadastro na Plataforma *Lattes*.

1.3 A Plataforma *Lattes*

Vejamos como nos é apresentada a Plataforma *Lattes*:

[...] representa a experiência do CNPq na integração de bases de dados de Currículos, de Grupos de pesquisa e de Instituições em um único Sistema de Informações. Sua dimensão atual se estende não só às ações de planejamento, gestão e operacionalização do fomento do CNPq, mas também de outras agências de fomento federais e estaduais, das fundações estaduais de apoio à ciência e tecnologia, das instituições de ensino superior e dos institutos de pesquisa. (Disponível em <http://lattes.cnpq.br/> Acesso em 11/05/2013).

Um primeiro detalhe a ser observado diz respeito à fonte de onde foi retirada esta citação, transcrita tal qual como ela é encontrada no *site* da instituição

em questão. Isso mesmo, o referencial teórico não se resume em apenas livros e demais documentos impressos, mas podem também ser *sites da internet*, que abordam o tema estudado de maneira adequada e pertinente. Além disso, você deve atentar também para a forma de referenciar a fonte de pesquisa. O *link* do *site* deve ser indicado, bem como a data em que ele foi acessado (observe o final do parágrafo anterior).

Em linhas gerais, o Currículo *Lattes* integra a referida plataforma *on line* e apresenta o histórico acadêmico do pesquisador, bem como situa, no tempo presente, suas realizações. Trata-se de uma grande base nacional de informações cujo preenchimento, se tornou, sem exageros, um pré-requisito básico para todos aqueles que pretendem ingressar na carreira acadêmica.



Imagem 03: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>
Acesso em 24/05/ 2013

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) é um órgão de fomento à pesquisa, vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e a Plataforma *Lattes*, no qual estará cadastrado seu currículo acadêmico, pode ser encontrada no *link*: <http://www.cnpq.br/>. Contudo, para facilitar seu acesso, a seguir, há um passo a passo ilustrado para a realização do seu cadastro.

Esta é a página inicial da Plataforma *Lattes* (imagem 03). Como você pode notar, existem várias informações a serem acessadas. Neste momento, o que nos interessa é um *link*, em especial, referente ao cadastro. Na sessão “Acesso direto”, você vai encontrar uma coluna que o encaminhará ao destino desejado.

A coluna ao lado foi ampliada para que você possa melhor visualizar qual é o próximo passo. Porém, o que nos interessa está na sessão cujo título em destaque é Currículo *Lattes*.

Acesso direto



No item “Buscar currículo”, você poderá acessar informações a respeito de pesquisadores. Trata-se de um típico trâmite de rotina acadêmica: acessar informações sobre os pesquisadores por meio dessa plataforma. A vida pregressa de estudiosos novatos ou experientes estará nela registrada. Desse modo, é importante acessar essas informações assim que encontrar um autor ou pesquisador que possa vir a se tornar uma referência ao seu projeto. Ao clicar ali, uma nova janela é aberta, indicando, de maneira simples, o que é necessário fazer para realizar uma busca.

Imagem 04: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>
Acesso em 24/05/ 2013

O segundo tópico, intitulado “Atualizar currículo”, serve para o pesquisador já cadastrado inserir novos dados em seu currículo. Cursos com certificação, apresentações em congressos, participação em mesas redondas, entre outros, são exemplos de atividades comuns entre os pesquisadores e, toda vez que realizadas, devem ser adicionadas ao currículo.

Layout geral da página inicial para cadastrar um novo currículo. O cabeçalho contém o logo do CNPq e o título "Currículo Lattes". Abaixo, há uma barra de navegação com ícones e links para: "Cadastrar-se no Currículo Lattes", "Informação pessoal", "Endereço e contato", "Formação acadêmica", "Atuação profissional" e "Área de atuação".

O formulário principal, intitulado "Cadastrar-se no Currículo Lattes", contém o seguinte texto: "Leia as condições do Termo de adesão e compromisso da base de dados Lattes. Termo de adesão e compromisso do sistema de currículo da Plataforma Lattes. Inclui a informação abaixo e siga em frente para completar o seu cadastro".

O formulário possui os seguintes campos:

- Nacionalidade: Botões para "Brasileira" (selecionada) e "Estrangeira".
- E-mail: Campo para "Digite seu e-mail" e campo para "Confirme o e-mail" com o texto "Digite seu e-mail novamente para confirmação dos dados".
- Senha: Campo para "Crie uma senha para acessar o sistema Lattes" e campo para "Confirme a senha" com o texto "Digite sua senha novamente para confirmação dos dados".
- Botão "Cadastrar" em vermelho.
- Botão "Próximo" em azul.

Na parte inferior do formulário, há um código de verificação "QqCp" e o texto "Digite os caracteres que você vê nesta imagem".

Imagem 05: Layout geral da página inicial para cadastrar um novo currículo.

Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/> Acesso em 24/05/ 2013

Para aqueles que ainda não têm Currículo *Lattes*, basta acessar o *link* “Cadastrar novo currículo”, conforme será ilustrado. Você, pesquisador dos primeiros passos, passará por 06 etapas para efetivar o seu cadastro na plataforma em questão. O primeiro deles é bem simples, e consiste em ler e, desde que concorde, aceitar as condições do termo de adesão do sistema (imagem 06).

Cadastrar-se no Currículo Lattes

Leia as condições do Termo de adesão e compromisso da base de dados Lattes. Termo de adesão e compromisso do sistema de currículo da Plataforma Lattes. Inclua a informação abaixo e siga os passos para completar o seu cadastro

Imagem 06: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/> Acesso em 24/05/ 2013

O segundo passo da primeira etapa (Imagem 07) consiste em indicar sua nacionalidade:

Nacionalidade

Brasileira Estrangeira

Imagem 07: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/> Acesso em 24/05/ 2013

Ainda na primeira etapa, o terceiro passo é reproduzido na imagem 08. Preencha seu *e-mail*, confirme-o e, na sequência, repita o mesmo procedimento com a senha que você criou. Ao concluir essa primeira etapa, há ainda, mais cinco procedimentos, todos muito simples (imagem 09). Mas atente para um detalhe da imagem 08: assim como nas demais etapas, será necessário clicar em “próxima” (canto inferior direito), para iniciar uma nova etapa.

O formulário contém quatro campos de entrada:

- E-mail:** Digite aqui seu e-mail
- Confirme o e-mail:** Digite seu e-mail novamente para confirmação dos dados
- Senha:** Crie uma senha para acessar o sistema Lattes
- Confirme a senha:** Digite sua senha novamente para confirmação dos dados

Abaixo dos campos, há um link: "Se você esqueceu a senha, clique aqui para solicitá-la".

Um campo de código de verificação (Captcha) mostra a imagem "QqCp". Abaixo dele, o texto diz: "Digite os caracteres que você vê nesta imagem".

Botões: "Cancelar" (canto inferior esquerdo) e "Próxima" (canto inferior direito).

Imagem 08: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/> Acesso em 24/05/ 2013



Imagem 09: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/> Acesso em 24/05/ 2013

Em suma, realizar o cadastro do seu currículo na Plataforma *Lattes* não é muito diferente, por exemplo, de preencher cadastros em *sites* de relacionamento ou de compras pela *internet*. Para quem não está habituado, só resta dizer uma coisa: habitua-se e fique tranquilo (a), porque não é nenhum “bicho de sete cabeças”!

Recapitularemos agora, as 06 etapas para efetivação de seu cadastro, que são:

- Cadastrar-se no Currículo *Lattes* (aceite do termo de adesão, nacionalidade e *e-mail*)
- Informação pessoal
- Endereço e contato
- Formação acadêmica
- Atuação profissional
- Área de atuação

Agora que você já sabe como proceder para realizar seu registro perante a comunidade acadêmica, trataremos daquele que é, para muitos pesquisadores, motivo para preocupação – o tratamento a ser dado quanto as utilização das normas técnicas. Mas fique certo que ao seu tempo, tudo será esclarecido!

1.4 Normas Técnicas para apresentação de trabalhos acadêmicos

Dentre as inúmeras exigências às quais somos expostos no Ensino Superior, sem dúvida, conhecer as normas técnicas para apresentação de um trabalho acadêmico é algo que nos assombra no início de carreira.

Em linhas gerais, o que mais dificulta num primeiro momento, é a forma do trabalho, ou seja, a formatação a ser adotada. Com o passar do tempo, esse será o menor, ou talvez, deixará de ser um obstáculo. No entanto, independente da experiência ou não do pesquisador, as normas técnicas não devem ser subestimadas, e, acredite, até mesmo os pesquisadores mais experientes, por vezes, precisam consultar os manuais que indicam como o conteúdo de um trabalho acadêmico deve ser apresentado.

Mesmo aqueles (as) que se sentem à vontade, ao se expressar por meio da escrita, tendem a titubear diante da necessidade de se adequar às normatizações. Obviamente, isso pode ser estendido para qualquer segmento. Neste tocante, cabe um paralelo com nossas vidas práticas: se você ou algum (a) conhecido (a) seu (ua) tem carteira de habilitação desde o advento do código de trânsito vigente, foi obrigado a frequentar aulas nos centros de formação de condutores. Vamos às explicações!

Consensuais no discurso de muitos instrutores (as) dos (as) futuros (as) condutores (as), são as dificuldades encontradas por alunos (as) que ingressam em escolas de formação de condutores já sabendo dirigir. Quando ouvimos, pela primeira vez, vinda de um instrutor, a expressão “vícios de direção”, ela nos chamou muita atenção. Alguns exemplos: “puxar o freio de mão quando não é recomendado”, “não sinalizar no momento adequado para realizar uma conversão”, “colocar o cinto de segurança quando o veículo já está em movimento”. Enfim, poderíamos elencar mais de uma dezena de ações relacionadas a atitudes indesejáveis ou inadequadas ao cotidiano de quem dirige no trânsito das pequenas, médias ou grandes cidades.

Ora, teoricamente, alguém que já sabe dirigir encontraria menos problemas se comparado a quem nunca sentou atrás de um volante para conduzir um veículo (apenas na teoria). Claro! Isso não se aplica a todos os condutores, mas serve de exemplo para muitos, e talvez a você, caso tenha passado pela experiência aqui ilustrada. O que muitos instrutores alegam, é que as pessoas que não sabem dirigir se adequam com maior facilidade às regras a ser seguidas e incorporadas pelos novos motoristas.

O exemplo do motorista é emblemático se o compararmos à dificuldade encontrada para usar as normas técnicas em textos acadêmicos. Por isso, não se espante! Muitos estudantes estão no “mesmo barco” (ou no mesmo carro, para aproveitar o exemplo), quando o assunto é adequação delas nos trabalhos. Sair de qualquer zona de conforto em que nos instalamos gera, no mínimo, estranheza, e mais do que isso, resistência.

Todos esses “ingredientes” pesam no momento em que temos de integrar criação e normatização e, de fato, podemos ter a impressão de que eles não dialogam entre si, uma vez que o primeiro deles, muitas vezes, sobretudo na área de Artes, depende de inspiração. Mas não se engane, pois o exercício acadêmico nem sempre é espontâneo, e obviamente, a criatividade é um componente

inerente a todo o processo. Diriam os atletas do melhor basquete do mundo: *no pain, no game*¹. Daí a importância das normatizações. E quais seriam elas?

São muitas e compreendem desde a escolha do tipo e tamanho da fonte (letra), até o espaçamento entre as obras consultadas (referências bibliográficas) e elencadas, via de regra, no final do trabalho. Mais adiante, as partes essenciais do seu projeto de pesquisa serão esclarecidas. Entretanto, é importante ter claro também, que os trabalhos acadêmicos, conforme aponta Medeiros (2003, p.137), são textos que “[...] devem ter coesão e unidade, assemelhando-se a um tecido com sua trama perfeitamente entrelaçada, em que não devem aparecer fios soltos, sob pena de perderem suas principais características.”

Como forma de aquietar seus ânimos, essa questão será abordada já no primeiro capítulo e não é uma tarefa fácil. Esteja consciente disso. Porém, está ao seu alcance aprender a reconhecer a relevância desse aspecto, que tornará seu projeto de pesquisa legítimo perante a comunidade científica dedicada ao ensino de Artes.

Nesse sentido, você, estudante do curso de Arte-Educação da Unicentro, modalidade a distância, precisa assumir uma espécie de pacto consigo mesmo (a), ao construir uma concepção de ciência que envolverá “[...] reposicionar-se não apenas como sujeito e pesquisador, mas, principalmente, como sujeito que pratica pesquisa, ou seja, que projeta, que faz escolhas, que organiza, que recomeça, que sistematiza, que se desatina.” (MARTINS e TOURINHO, 2010, p. 75).

Praticar pesquisa exige responsabilidade, organização e disposição para recomeçar. É estabelecer um diálogo com seus pares e, ao mesmo tempo, com quem está à margem do ensino de Artes. Leigos ou não, aqueles que tiverem contato com seu projeto de pesquisa deverão perceber qual é o seu objetivo. Para tanto, são usadas formas adequadas de apresentação ao foro acadêmico. Na elaboração de seu projeto de pesquisa, um elemento organizacional fundamental é o cronograma que, por meio de tabela, indica cada uma das ações a serem desenvolvidas.

Muitas instituições possuem suas próprias normas de apresentação de trabalhos acadêmicos. No entanto, seguem as diretrizes definidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), de acordo com a qual,

1 Numa livre tradução: “sem dor, não há jogo”, espécie de lema empregado por muitos atletas do basquete estadunidense, reconhecidamente o melhor do mundo e quase imbatível, nas últimas duas décadas de jogos olímpicos. Dentre as características desse esporte, aliam-se plasticidade e vigor físico; disciplina e improviso; notoriedade e genialidade. Mesmo sendo um mundo distinto ao das artes, você notou alguma semelhança em termos de qualificação?

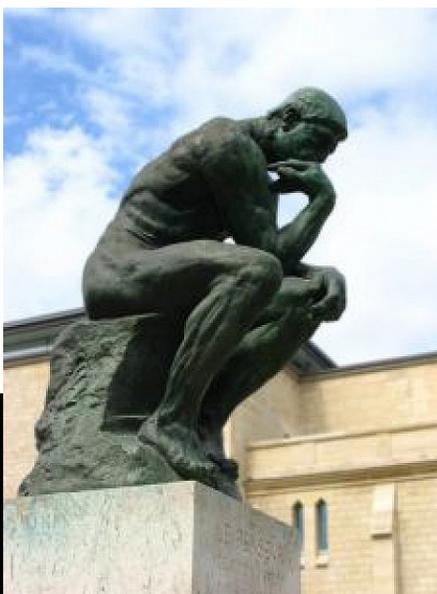
[...] o conhecimento teórico ou prático, desprovido dos meios para sua conservação e transmissão, pouco significa em si mesmo. O trabalho humano se torna material por meio de procedimentos, regras, instruções, modelos, que podem ser repetidos, ensinados e aprendidos. (ABNT, 2011, p. 4).

Dentre algumas dicas importantes, que incidirão diretamente na elaboração de seu projeto de pesquisa, esteja atento aos cuidados metodológicos ao apresentar os elementos pré-textuais, tais como a capa, as citações, o espaçamento entre linhas, a distância de todas as margens em relação ao texto, e os limites mínimos e máximos de páginas, etc. Com toda certeza, seu orientador ou sua orientadora lhe auxiliará nesses primeiros passos pertinentes à forma de apresentação do seu trabalho.

Para mais informações, uma atitude ao seu alcance compreende acessar o *link*: http://www.usp.br/prolam/ABNT_2011.pdf (Norma Brasileira ABNT 14724 - Informação e documentação — Trabalhos acadêmicos — Apresentação), que ilustra os pormenores das formas de apresentação de pesquisa. Mais especificamente, no capítulo 6 deste livro, será esmiuçado cada item pertinente à apresentação de seu artigo, conforme o regulamento do Trabalho de Pesquisa em Arte – TPA, do Curso de Arte-Educação, da Unicentro.

CAPÍTULO II

2.1 Desvendando um projeto de pesquisa



O principal esforço empregado nesse capítulo será o de chegar a uma definição do que vem a ser um projeto de pesquisa. Vamos fazer como o amigo ao lado e nos entregar aos nossos pensamentos? (Imagem 10).

Caberá aqui, um típico exercício acadêmico, em busca de autores (estudiosos

Imagem 10: O pensador de Rodin. Disponível em: http://br.freepik.com/fotos-gratis/o-pensador-de-rodin_21627.htm

Acesso em 31/05/2013

da área que se deseja pesquisar) que nortearão toda a nossa leitura. Ou seja, fará parte do nosso trabalho, adotar conceitos e autores.

Por exemplo, para Martins (1998, p. 58), a palavra projeto “[...] designa igualmente tanto o que é proposto para ser realizado quanto o que será feito para atingi-lo. Essa dialética leva a muitas possibilidades de construção de projetos, tendo em vista diferentes preocupações”.

O termo ‘dialética’ pode ser entendido como o movimento de ideias afins ou não, que a partir de uma relação dialógica, de concordâncias e discordâncias, dará origem a diferentes formas de pensar ou de agir.

Quanto ao fato de se apoiar em estudos de outros autores, não se preocupe! Isso porque,

[...] a transcrição, literal ou não, seguida da referência adequada, torna-se uma citação como classificada por normas. Entretanto, a mesma transcrição ou cópia, sem atender os ditames da norma, torna-se um plágio. O plágio é passível de restrições legais e penais. A Lei nº 9.610, de 19/02/1998, regula os direitos autorais no Brasil, prevendo as sanções legais pertinentes; já o Código Penal, no seu Artigo 184, aponta as sanções penais. (UTFPR, 2009, p. 63).

Portanto, basear-se em outros estudos, por meio de citações adequadas às normas, em nada tem a ver com plágio. É uma necessária fundamentação teórica que garantirá legitimidade acadêmica ao que se pretende pesquisar. *Quem já falou sobre o tema? Qual pesquisador estuda determinado assunto? Em qual conceito epistemológico de Arte-Educação o pesquisador se fundamentou para desenvolver o seu projeto?*

Estas são (dentre inúmeras) questões típicas, propostas por um orientador ou por uma banca examinadora atenta no momento da apresentação de um determinado trabalho ou proposta de pesquisa. Portanto, fique alerta! Faça a você mesmo essas perguntas quando surgir a necessidade ou o desejo de pesquisar algum tema. Quando for questionado, suas respostas servirão de argumento para validar sua pesquisa. Quem assumir a orientação de seu projeto deverá contribuir bastante na seleção e critérios de escolhas dos referenciais teóricos (veremos mais sobre isso no item “Revisão Bibliográfica”).

Tenha sempre em mente, que uma pesquisa consistente procura estabelecer diálogos com autores dedicados ao mesmo objeto de estudo, mas

não encontraremos sempre, dentre eles, necessariamente, as mesmas definições e conceitos. Ou seja, cada um deles terá seu modo particular de olhar para o mesmo objeto de estudo, o que é normal, pois não existe um único caminho a ser trilhado na pesquisa acadêmica, sobretudo, quando a área em questão é a Educação, vinculada às Artes. De acordo com Demo (2011, p. 19), não partimos do nada, uma vez que

[...] na prática, conhecemos com base no que já está conhecido, aprendemos do que outros já aprenderam. Sobretudo nos ambientes escolares e universitários, por mais que seja essencial praticar a pesquisa como estratégia central de aprendizagem, dificilmente construímos conhecimento tipicamente novo.

Dizendo de outro modo, caberá a todos nós, dialogar com autores cujo entendimento sobre determinado tema esteja de acordo com as nossas intenções de estudo, para não simplesmente compilar ideias, mas, a partir delas, reconstruir o conhecimento. Dessa forma, podemos estabelecer um conceito consistente do que vem a ser um projeto de pesquisa em Arte, norteador do seu futuro trabalho. Para tanto, precisamos buscar opções e, assim sendo,

[...] todo o esforço de busca implica uma tenacidade entrançada com todas as atividades. O projeto não é apenas o final entrevisto, mas a consciência mantida. A criação não é uma operação formal, mas biológica, vital, exposta a azares e acidentes e prolongada pelo anseio de uma subjetividade que quer expandir a sua liberdade, os seus domínios e a sua agilidade. (MARINA, 1995, p. 217).

Em suma, o ato de criação é sistêmico, e não se dá isoladamente. Somos um conjunto de características, algumas objetivas, outras subjetivas. No exercício acadêmico, faz-se necessário o contato com alguns autores e seus estudos. É o que estamos fazendo, e terminado esse reconhecimento, podemos seguir adiante no diálogo com outros autores. Desse modo, Alves-Mazzotti e Gewandsznaider (1999, p. 149) alertam para o fato de que,

[...] um projeto de pesquisa consiste basicamente em um plano para uma investigação sistemática que busca uma melhor compreensão de um dado problema. Não é uma “camisa de força” nem um contrato civil que prevê penalidades, caso alguma das promessas feitas for quebrada. É um guia, uma orientação que indica onde o pesquisador quer chegar e os caminhos que pretende tomar.

Para esses autores, o projeto deve indicar:

- O que se pretende investigar.
- Como se planejou conduzir a investigação de modo a atingir o objetivo e/ou a responder às questões propostas.
- Por que o estudo é relevante?

Possivelmente, ficou claro para você, que estabelecer uma meta é essencial. No entanto, durante sua pesquisa, os caminhos pré-definidos podem mudar. A meta estabelece uma expectativa e seu cumprimento é o caminho trilhado. Contudo, a prática poderá descortinar novas formas de caminhar, e caso você opte por mudar o trajeto, a relevância de sua investigação não será colocada à prova, desde que suas justificativas sejam plausíveis para a conquista da meta desejada. Daí, mais uma vez, a necessidade de estar fundamentado em autores da área estudada. Tal atitude ampliará seu poder de argumentação – não esqueça esse termo! Vamos repetir: poder de argumentação. E qual seria a fórmula “mágica” para conquistar esse poder?



Imagem 11: Disponível em: <http://www.sempretops.com/dicas/10-supermagicas-reveladas/>

Acesso em 31/05/2013

A leitura de autores que pesquisam sobre o seu tema: simples assim! Ou seja, a “mágica” está na leitura, no esforço e empenho em querer se aperfeiçoar. E quem é capaz de desejar tal “magia”? Nessas horas, não transfira responsabilidades! Como acadêmico do Curso de Arte-Educação, da Unicentro, modalidade a distância, tais prerrogativas estão ao seu alcance desde o primeiro instante em que sua matrícula foi efetivada, já que quem se colocou nesse contexto foi você mesmo. Todavia, você poderá contar com a ajuda de colegas, professores e tutores, mas não lhes transfira suas próprias demandas.

Gil (2007, p. 17) define pesquisa como um

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema [...] desenvolvida

mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos [...].

Ainda para o autor, o projeto de pesquisa “[...] deve especificar os objetivos da pesquisa, apresentar a justificativa de sua realização, definir a modalidade de pesquisa e determinar os procedimentos de coleta e análise de dados”. Em outras palavras, o projeto define o passo a passo a ser seguido pelo pesquisador. Todavia, um planejamento adequado o antecede e a pesquisa em si, é o cumprimento e comprometimento do pesquisador em relação ao que foi sistematizado ou ao que pode surgir durante a pesquisa.

De acordo com Azanha (1992, p.146),

[...] há novidades esperadas e novidades inesperadas. As primeiras são aquelas assimiláveis porque se ajustam a expectativas fundadas no conhecimento disponível num certo momento histórico ou porque foram obtidas por procedimentos correntes numa determinada comunidade científica. As outras contrariam essas expectativas ou foram obtidas por procedimentos não canônicos e, por isso mesmo, despertam desconfianças e são, muitas vezes, rejeitadas de plano.

Mas lembre-se de que variáveis não previstas podem ser constatadas no andamento de seu trabalho, tornando seu estudo ainda mais desafiador !

Para quem tem a curiosidade aguçada...

Você se lembra da Plataforma *Lattes*? Pois bem, acesse-a, e no link “Buscar currículo”, pesquise sobre as contribuições acadêmicas do seu futuro orientador (a). Eis um exercício simples, porém de suma importância para que seu trabalho de pesquisa esteja concatenado com o objeto/linha de estudo de quem o orientará.

2.2 O comprometimento com a pesquisa

É recorrente a demanda por pesquisas acadêmicas inovadoras, o que, para alguns, pode causar estranheza, uma vez que o exercício acadêmico é, em linhas gerais, uma revisão de autores. Isto é, todo projeto de pesquisa se embasa nas contribuições de vários estudiosos dedicados a um determinado tema. Então, o que realmente é “novo”, se nos baseamos em estudos já realizados?

É óbvio, que não vamos a campo para reproduzir, ao pé da letra, a mesma pesquisa que um estudioso já desenvolveu, mas, na verdade, ela poderá servir de referência para o olhar a ser lançado à realidade que pretendemos investigar. É aí que reside o novo – o olhar sensível e pontual do pesquisador. E não somente em campo!

Um trabalho de revisão bibliográfica pode propor novas formas de interpretação sobre um determinado assunto. Porém, devemos ter o cuidado com a banalização, tendo em vista que, leituras e interpretações rasas, precipitadas análises e apontamentos inconsistentes tornarão a sua pesquisa, no mínimo, questionável. Daí a importância do seu projeto estar bem consolidado por autores que são referência na área. Eles contribuirão para o aumento do seu poder de argumentação, pois ao “[...] explicitar o aporte teórico que embasa sua ação, o docente amplia as possibilidades de pensar sobre ela, alimentando-a, dialeticamente, com a teoria. Isso lhe possibilita um enriquecimento pessoal e profissional [...]”. (Ferreira e Silva, 2009, p. 141).

Estar munido de um consistente referencial teórico evita especulações acerca da relevância da sua pesquisa, que poderá ser inovadora, partindo do princípio da reconstrução do conhecimento a partir do seu olhar. Sempre será possível verificar variações de fenômenos em contextos já pesquisados. Sem contar que, no que diz respeito aos diversos ambientes de aprendizagem, sujeitos e iniciativas são potencialmente diferenciadas, fato que poderá assegurar ineditismo na investigação pleiteada.

Entretanto, uma realidade difere da outra, em complexidade ou em questões simples. Sem muita delonga, uma questão simples, em termos regulamentares: alguns estabelecimentos de ensino adotam, no lugar da nota, um conceito (A, B, C, etc.), para qualificar o trabalho de seus alunos. Outras ainda, ao invés de aplicarem uma prova escrita, optam por uma avaliação oral.

Para o pesquisador, constatar essas diferenças é simples. Basta uma consulta ao Projeto Político Pedagógico ou Estatuto da escola (análise documental). Eis que surge a complexidade: deve existir o porquê de uma escola adotar uma avaliação diferente da outra, pois essa não é uma escolha gratuita, à revelia do que é praticado no interior do estabelecimento de ensino. Isto é, o simples torna-se complexo, quando há uma mudança em nosso olhar, quando decidimos avaliar determinada realidade por outro viés.

Mas não perca o foco! Você está estudando para ser professor! Professores e professoras lidam, diariamente, com pessoas. Melhor dizendo, lidam com personalidades distintas. Quer complexidade maior do que essa? Há razão melhor

para atribuir importância à pesquisa em Educação? E o ensino de Artes, onde se encaixa? É possível, questões retóricas à parte, mais uma vez dialogar com Demo (2011, p. 28), que conceitua *objetivação*, como algo que “[...] refere-se ao esforço – sempre incompleto – de tratar a realidade assim como ela é; não se trata de ‘objetividade’, porque impossível, mas do compromisso metodológico de dar conta da realidade da maneira mais próxima possível [...]”

O compromisso metodológico, a que se refere o autor, pode ser entendido como o alicerce do seu projeto, mas perceba um detalhe importante: uma pesquisa procura se aproximar da realidade, sem ter, no entanto, a pretensão suprema de descrever um objeto de estudo em termos absolutamente precisos. Além disso, seu trabalho não deve ser encarado como mero instrumento protocolar para a conclusão do curso de Arte-Educação.

Com toda certeza, o cumprimento dessa prerrogativa é importante uma vez que diz respeito à efetivação de sua graduação. Contudo, a relevância de sua pesquisa é mais abrangente, e poderá ser o “ponta-pé-inicial” para a sua futura especialização ou até mesmo, para ingressar no mestrado.

Ou seja, seus apontamentos poderão encaminhar para a necessidade de futuros aprofundamentos que, por uma questão de tempo, não seriam possíveis em um projeto de conclusão de uma graduação.

Não perca isso de vista! Você está inserido em um contexto de formação de professores, entendida como:

[...] uma função social de transmissão de saberes, de saber-fazer, ou do saber-ser que se exerce em benefício do sistema socioeconômico ou da cultura dominante. A formação pode também ser entendida como um processo de desenvolvimento e de estruturação da pessoa que se realiza com o duplo efeito de uma maturação interna e de possibilidades de aprendizagem, de experiências dos sujeitos. (GARCIA, 1999, p. 19).

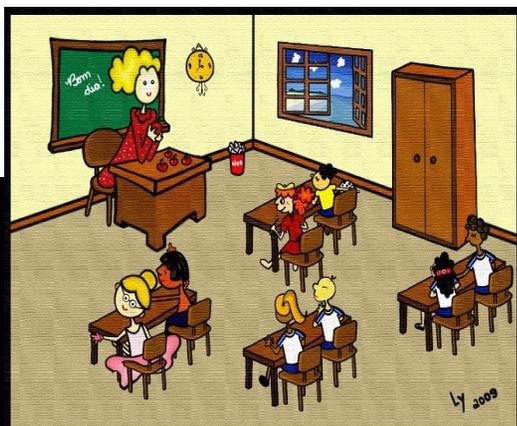


Imagem 12: Disponível em: <http://www.ligiatorres.com/2009/06/e-na-sala-de-aula.html> Acesso em 31/05/2013

Nesse desenvolvimento, é desejável que o professor assuma a postura de pesquisador, algo bastante desafiador, vejamos porque.

Quem tem a sala de aula como horizonte de uma vida prática do cotidiano, notará a grande dificuldade encontrada pelos profissionais da Educação, em relacionar suas práticas com a atividade de pesquisa, sobretudo, na relação com a teoria. Isso pode se dar por vários motivos, dentre eles, a própria formação inicial.

A dificuldade encontrada por muitos professores, da Educação Básica, de vincular suas práticas diárias à pesquisa acadêmica está, pelo menos em tese, no não aprofundamento do exercício de pesquisa durante a graduação (licenciaturas), que cria uma espécie de bifurcação: aqueles que querem se dedicar exclusivamente à pesquisa e os demais, que pretendem atuar no magistério e estão mais preocupados com questões práticas e imediatas.

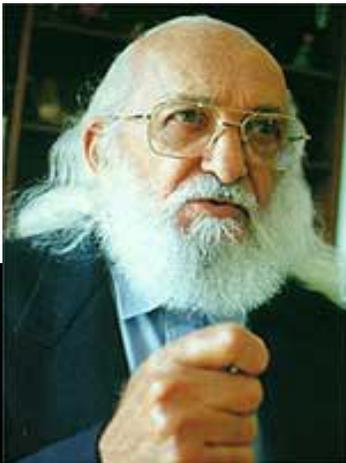


Imagem 13: Paulo Freire: Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/paulo-freire.jhtm>

Acesso em 31/05/2013

Por isso, a importância da disciplina de *Pesquisa em Artes*, uma vez que ela pode agregar as duas vertentes, Entretanto, o esforço maior depende de você mesmo, e os desdobramentos da sua pesquisa poderão ser traduzidos numa carreira vinculada tanto ao magistério quanto à área de pesquisa. Tarefa difícil, porém concreta, tendo em vista que o (a) professor (a), por excelência, é um (a) pesquisador (a), embora quase não se dê conta dessa condição.

Explorando a fundo essa questão, Freire (2002, p.32) comenta que:

[...] o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador.

Perceba que Freire aponta para a identidade docente – a labuta, no magistério, integra-se ao ato da pesquisa. Enfim, seu projeto de pesquisa não é uma tarefa pontual para obtenção de um determinado título, e diz respeito a um passo importante na sua carreira, mas não é o único. Ele ajudará a desencadear novos questionamentos e, conseqüentemente, o desejo pela busca de novas respostas para situações que surgirão por força da prática do magistério vinculada ao ensino de Artes.

Para refletir...

Saiba que o término da graduação pode ser apenas o começo de sua trajetória como pesquisador em Artes. Ou seja, seu projeto de pesquisa poderá abrir novos caminhos para sua carreira.

2.3 O problema de pesquisa

De todos os aspectos relacionados a um projeto de pesquisa, o que segue tem um peso muito importante: é a “problemática sincera” (anunciada na apresentação deste trabalho). Mas não se preocupe! Os demais aspectos pertinentes ao seu futuro trabalho serão devidamente aprofundados. Contudo, o *problema* é o alicerce de tudo que está vinculado a uma pesquisa, e é estabelecido a partir de uma pergunta, que envolve temáticas passíveis de serem colocadas à prova. Estaremos, portanto, diante de hipóteses que, potencialmente, poderão ou não responder tal problemática.



Imagem 14: O grito de Edvard Munch.

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/o-grito-de-munch-torna-se-o-quadro-mais-carro-ja-leiloado> Acesso em 31/05/2013

Convém um esforço mais específico: em Artes, o que vem a ser um problema de pesquisa? Você entendeu a peculiaridade dessa questão? Mas, senhoras e senhores, não se trata de uma questão para se exasperar e gritar!

O que constitui um problema em uma área poderá não o ser em outra. Enfim, não podemos perder de vista que nosso foco é a pesquisa em Artes e, portanto, futuras hipóteses a serem levantadas deverão estar atreladas a essa área do conhecimento.

Gil (2007, p. 23) alerta sobre a necessidade de verificarmos se, de fato, um problema levantado pode ser caracterizado como científico, uma vez que existem, por definição, vários tipos de problemas. Para ele, “[...] pode-se dizer que um problema é de natureza científica quando envolve variáveis que podem ser tidas como testáveis”.

Fortalecendo argumentos...

É pertinente, no esforço empregado para desenvolver uma pesquisa, seguir a sugestão de Triviños (1987, p. 93), no que concerne ao perfil do pesquisador – “[...] o tópico da pesquisa deve cair diretamente no âmbito cultural de sua graduação [...] e o assunto deve surgir da prática cotidiana que o pesquisador realiza como profissional”.

Cabe ressaltar que o argumento de Triviños ampara, sobretudo, profissionais já graduados. Contudo, optamos por citar esse autor, tendo em vista que muitos graduandos já exercem o magistério. Ou seja, as ideias do autor servem para alertar aqueles que estão em dúvida acerca do que pesquisar, na medida em que podem direcionar seu olhar para o seu próprio cotidiano, bem como para a relação dele com a prática docente em Artes.



Imagem 15: Disponível em: <http://pt.dreamstime.com/imagens-de-stock-abrace-o-mundo-image21092694>

Acesso em 31/05/2013

Em se tratando de vislumbrar a continuidade de uma pesquisa, no âmbito da pós-graduação, o pesquisador de primeiros passos (você) poderá se dedicar, neste primeiro momento, a um estudo exploratório, quando, normalmente, “[...] o objetivo é examinar um tema ou problema de pesquisa pouco estudado, do qual se tem muitas dúvidas ou não foi abordado antes.” (SAMPIERI, COLLADO E LUCIO, 2006, p. 99).

O exercício de pesquisa, a formulação de um problema e tudo mais que está agregado nessa missão, tem como ponto de partida aquilo que incomoda o pesquisador, a começar pela sua própria curiosidade. Quem pesquisa se mostra como pessoa inquieta, na acepção da palavra, isto é, incomodada com algo que lhe salta aos olhos, incitando-a a promover tentativas de solução. Conforme Freire (2002, p. 35):

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.

Ao pesquisador, cabe vincular o seu desconforto e curiosidade à formulação de um problema que lhe renderá um olhar comprometido em busca de respostas ou de descrições de realidades consubstanciadas por análises criteriosas, isto é, científicas. No entanto, estabelecer um problema científico não é um ofício simplório e também não basta apenas estar incomodado. O incômodo é a centelha, mas por si só, não é o único fator que gera o processo criativo.

Gil (2007, p. 26) aponta o que seria relevante para a formulação de um problema científico: “[...] (a) o problema deve ser formulado como pergunta; (b) o problema deve ser claro e preciso; (c) o problema deve ser empírico; (d) o problema deve ser suscetível de solução; e (e) o problema deve ser delimitado a uma dimensão viável”.

Alguns esclarecimentos acerca dos apontamentos de Gil (2007): a *formulação da pergunta* como anunciação do problema se faz necessária, pois o propósito da pesquisa será a busca por uma resposta para ele. Nesse sentido, quanto *mais clara a pergunta problema*, maior a probabilidade de estabelecer caminhos metodológicos que nortearão a pesquisa, ou seja, não se trata de uma indagação à revelia. O necessário trato científico estabelecerá o teor de legitimidade acadêmica a um determinado esforço de investigação acadêmica.

O problema deve ser empírico, em suma, a origem do problema se dá pela observação de um dado contexto e não simplesmente pela percepção pessoal, sob o risco de atribuir, à análise, indesejáveis preconceitos não provenientes da observação, mas da opinião de quem pesquisa, sobretudo, daqueles que optam pela pesquisa qualitativa (capítulo 3).

O problema *ser suscetível de solução* está relacionado, diretamente, às técnicas de investigação a serem adotadas, isto é, àquelas plausíveis de serem adotadas. Daí a importância da clareza na formulação do problema – facilitar que o pesquisador vislumbre quais técnicas de pesquisa serão apropriadas para efetivação do projeto de pesquisa – fato que o torna viável.

Em relação à *dimensão viável da pesquisa*, é importante ilustrar o cuidado a ser tomado na delimitação do tema de seu estudo. É comum, num primeiro momento, que o pesquisador de primeiros passos queira ampliar muito seu objeto de estudo. Num ditado popular, queira “abraçar o mundo”.

Vejamos como estudiosos da área se posicionam em relação a isso. De acordo com Martins e Tourinho (2010, p.78):

A experiência de muitos colegas e, também, a nossa, tem mostrado que os alunos iniciam sua formação na graduação com desejos mega-projetados sobre o que querem pesquisar. Sonham com temas muitas vezes distantes de sua vivência e cotidiano, temas extremamente abrangentes e, geralmente, que mandariam muito mais tempo do que disponibilizado para realizar o trabalho de conclusão.

O risco de se tornar evasivo e desvirtuar sua proposta de trabalho são enormes. Esbarramos, sobretudo, na falta de tempo e na incompatibilidade entre autores e objetos de estudo. Não é uma questão de reducionismo, tampouco, uma forma de banalizar a pesquisa científica. Pelo contrário, é a garantia de nos posicionarmos com clareza, haja vista o rigor científico intrínseco ao projeto de pesquisa. Ainda conforme os mesmos autores:

O trabalho de modelagem do foco, de olhares e indagações acompanha a definição do tema e da estrutura. Assemelha-se a uma atividade de esculpir na qual os interesses dos alunos e a nossa experiência buscam uma sintonia produtiva, uma tolerância intelectual que seja capaz de criar e manter a energia e entusiasmo que muitos alunos trazem para fazer pesquisa. (MARTINS e TOURINHO, 2010, p. 79).

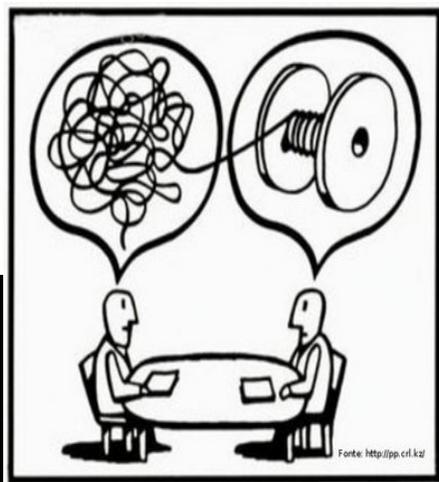


Imagem 16: Disponível em: <http://www.lem.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=168&evento=34>

Acesso em 31/05/2013

Portanto, manter o foco é fundamental, assim como o diálogo entre orientador-orientando, e não se preocupe, pois é comum ouvir de orientadores: “Você precisa ‘enxugar’ isso”, “Você precisa rever aquilo”. Acostume-se! O exercício acadêmico é um constante aparar de arestas, de revisões textuais, de estabelecimento de recortes temporais e, como ilustrado anteriormente, de diálogo com autores que lançam ou lançaram um olhar para o seu objeto de estudo.

De acordo com Umberto Eco (2010, p. 115):

[...] os textos que não explicam com grande familiaridade os termos que empregam deixam a suspeita de que seus autores são muito mais inseguros do que aqueles que explicitam cada referência e cada passagem, [...] os grandes cientistas ou os grandes críticos [...] com raríssimas exceções, [...] são sempre claros e não se envergonham de explicar bem as coisas.

Eco (2010) demonstra como é importante manter o foco durante a pesquisa e ilustrar a origem, ou seja, as vozes dos estudiosos dedicados ao seu objeto de estudo. Ao explicar pormenorizadamente as ideias e estudos adotados no seu projeto de pesquisa, fica mais fácil perceber que não é desejável explorar temas tão amplos. Por isso, um enfoque mais “enxuto” se faz necessário.

Portanto, controle a ansiedade e eleja um tema viável, isto é, algo que esteja ao alcance da sua capacidade acadêmica, pois um emaranhado de ideias por si só, não é suficiente. Outra dica importante é estar aberto (a) ao diálogo com o (a) orientador (a) e atento às questões que realmente podem ser relevantes durante a execução de um projeto de pesquisa em Artes.

Seu projeto de pesquisa – importante requisito para conclusão da graduação do Curso de Arte-Educação – deverá observar dois aspectos fundamentais diretamente atrelados às diretrizes de sua graduação: a) a relevância do ensino de Artes na formação docente, numa perspectiva de atuação na Educação Básica; b) as linguagens estéticas como importante ferramenta para emancipação e desenvolvimento cultural dos sujeitos envolvidos no contexto educacional, no qual se inclui o ensino de Artes.

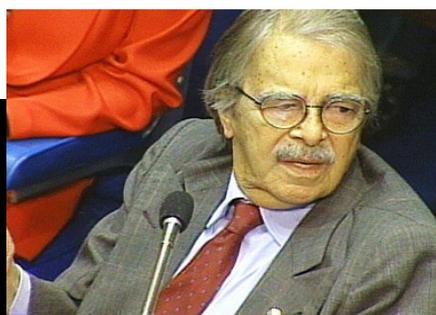


Imagem 17: Darcy Ribeiro (1922-1997), autor da Lei 9394/96.

Disponível em: http://www.senado.gov.br/noticias/tv/scripts/GetImagemMidia.asp?COD_MIDIA=9702

Acesso em 31/05/2013

Norteadas pela Constituição Federal, de 1988, a Lei 9394/96 (Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB), em seu Art. 26, parágrafo 2º, estabelece que “o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Assim sendo, num contexto cujo objetivo é a formação de professores para a Educação Básica, a legislação federal deve ser um dos componentes que fundamentam seu projeto de pesquisa em Artes. Afinal de contas, trata-se da identidade curricular da sua própria graduação.

De acordo com Alcaide e Silva (2010, p. 33), a LDB vigente

[...] foi construída a partir da correlação de forças entre as políticas neoliberais e as principais lutas do movimento associativo organizado. Avaliamos que na década de 1990 houve um movimento de acréscimo de atribuições ao professor, além das já existentes. Por outro lado, a contrapartida nos investimentos de infraestrutura não se consolidou da mesma forma na implementação de ações políticas por parte do governo brasileiro.

Essas observações demonstram, infelizmente, uma situação comum quando o assunto é legislar em nosso país, onde muitas leis são criadas, porém, nem todas são cumpridas.

Um aspecto importante é estar inserido nas linhas de pesquisa² que compõem o departamento do curso de Arte-Educação da Unicentro. Você as conhece? Outro requisito essencial é se apropriar das diferentes linguagens estéticas (Música, Teatro, Artes Visuais e Dança) e das suas possibilidades dialógicas, em consonância com a Educação.

Entenda essa última afirmação como o tema instigante de seu projeto (você se lembra da centelha?). Possivelmente, será a partir dessas linguagens que seu problema de pesquisa surgirá, desde que atrelado à Educação.

Uma vez proposta a delimitação do problema de sua pesquisa, faz-se necessário pensar qual ou quais são os objetivos a serem atingidos e que contribuirão para responder suas inquietações de pesquisador. Nesse sentido, o próximo capítulo tem como intuito demonstrar como poderão ser definidos seus objetivos de pesquisa.

Fica a dica...

Na esfera de prerrogativas a serem cumpridas por um profissional da Educação, independentemente de sua área de atuação, conhecer e estudar a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro, de 1996 é item obrigatório. Acesse o *link*:

<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>

² Nesses links, você poderá acessar as linhas no diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhepesq.jsp?pesq=9299309598709025>

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhepesq.jsp?pesq=3564614595753087>

CAPÍTULO III

3.1 Objetivos do projeto de pesquisa

A principal intenção do capítulo anterior foi evidenciar a importância de estabelecer, criteriosamente, um problema de pesquisa. Possivelmente, você tenha percebido que algumas citações de autores ligados direta ou indiretamente a nossa área de estudo foram consultados como forma de balizar os conceitos até então apresentados.

Como em qualquer exercício acadêmico, quando se evidencia um determinado termo ou conceito, é natural (para facilitar seu entendimento) que ele seja isolado para que possa ser meticulosamente estudado. Na medida em que as explicações se mostram suficientes, podemos voltar nossas atenções para outras demandas, sempre com a predisposição de buscar, na literatura especializada, argumentos que nos amparem. Justamente por isso, analisamos pontualmente a temática “problema de pesquisa”. Vamos ao próximo passo!

Pois bem, em seu futuro projeto de pesquisa, a prerrogativa de consultar a literatura especializada (chamamos isso de revisão bibliográfica) se fará presente.

É uma forma de “costurar”, a partir de uma sólida fundamentação teórica, os seus estudos. Perceba como a metáfora do coser serve para ilustrar esse material: em alguns parágrafos anteriores, foi anunciada a principal intenção (até o presente momento) deste livro. Contudo, você que é um leitor ou leitora atento (a), é capaz de interpretar a palavra “principal” sem a conotação de “única”? Ou seja, mesmo sendo a principal, vários parênteses foram abertos no decorrer das páginas, sempre com o cuidado de não “avançar o sinal”, sob a pena de nos perdermos no caminho pré-estabelecido.

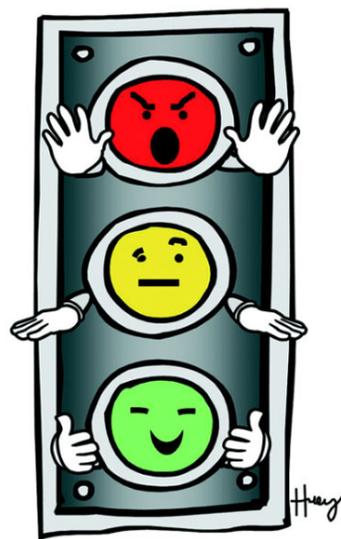


Imagem 18: Disponível em <http://www.pragentemiuda.org/2007/01/jogral-do-sinal-verde-transito.html>
Acesso em 31/05/2013

Parece não ser profícuo alertá-lo (a) para essa simples característica, mas acredite, é necessário! Esse esforço caberá a você também. É a forma como você, grosso modo, “costurará” seus argumentos ao desenvolver seu projeto de pesquisa. Uma vez esclarecido isso, é possível darmos prosseguimento, nessa altura da leitura, à elucidação do termo “objetivo”, definido, pelo Dicionário Aurélio³, como:

adj. Relativo ao objeto. / Que existe independentemente do pensamento; que diz respeito ao mundo exterior (opõe-se a subjetivo). / Que expõe, investiga ou critica, baseando-se nos fatos e não nos sentimentos; isento de parcialidade: crítica objetiva. / ¶; S.m. Fim a atingir; alvo, propósito.

Para nossa finalidade, interessa-nos aqui, nos debruçarmos sobre a ideia de “fim a atingir”. Ela diz pouco, mas é tudo, não é mesmo? O objetivo de seu projeto de pesquisa é a razão de ser dele, mas fique alerta! A sua pesquisa não é simplesmente o cumprimento de uma tarefa considerada um dos requisitos para a conclusão do Curso de Arte-Educação. Você se lembra da “problemática sincera”?

Quando mencionamos a razão de ser do seu projeto de pesquisa, nos referimos à importância dele para a sua futura área de atuação profissional, quer seja para a prática docente, quer seja para o aprofundamento de uma pesquisa, que acarretará no seu ingresso na carreira acadêmica. A razão de ser de sua pesquisa

³ Disponível em <http://www.dicionarioaurelio.com/>. Acesso em 28/07/13.

é a meta a ser atingida. O caminho metodológico a ser construído é determinado pelo seu problema de pesquisa e o alvo a ser atingido corresponde ao seu objetivo.

É comum encontrarmos, em vários trabalhos acadêmicos, a segmentação dos objetivos, que são divididos em geral (principal) e específicos. É aconselhável, como medida de plausibilidade, “economizar” nos chamados objetivos específicos. Recai-mos aqui, em algo já alertado anteriormente: o equívoco de querer “abraçar o mundo”. Estabelecer diversos objetivos específicos pode ser, além de redundante, uma iniciativa que colocará em xeque a conclusão do seu trabalho, sobretudo, em razão dos prazos regulamentares a serem cumpridos.

Muitos pesquisadores iniciantes também esbarram na escolha do verbo que anuncia o objetivo. Apresentá-lo com clareza e objetividade é fundamental. Para tanto, utilize verbos de ação, tais como: *verificar, desenvolver, elaborar, identificar, classificar, apontar, analisar, comparar, realizar, descrever*, etc.

Em relação aos objetivos específicos, entendemos como ideal, no escopo do seu trabalho, definir, no máximo, de dois a três objetivos dessa natureza (além, é claro, do objetivo principal). Vamos a um exemplo, passo a passo, sobre como eles podem ser delimitados por você.

Para quem tem a curiosidade aguçada...

Você sabe quais são os objetivos do curso de Arte-Educação da Unicentro, na modalidade a distância? Existem semelhanças com o curso na modalidade presencial?

3.2 A elaboração de um objetivo

Hipoteticamente, devemos estabelecer um contexto escolar a ser pesquisado, por exemplo, as séries finais do Ensino Fundamental. Também de antemão, devem ser definidas quais linguagens artísticas serão investigadas (nessa simulação, música e as artes visuais). Outro detalhe importante: por se tratar de uma pesquisa que envolve a área de Educação, é necessário definir qual público será evidenciado. Lembre-se de que, uma comunidade escolar ou demais ambientes não formais de ensino, são compostos por vários sujeitos que exercem diferentes funções e tem faixas-etárias e classes sociais também distintas. Ou seja, é necessário “pescar” daí seu público alvo. No exemplo que a ser ilustrado, o público-alvo são os professores, no entanto, poderiam ser outros sujeitos da

comunidade escolar, já que a intenção de pesquisa envolve o ensino de Artes. Mas como estabelecer os objetivos? A escolha do problema de sua pesquisa em artes antecede a definição deles. Portanto, é necessário, nessa simulação, anunciar um problema e nunca é demais lembrar que isso deve ser feito em forma de pergunta. Sugerimos uma organização pormenorizada de sua abordagem, algo que num primeiro momento suscitará perguntas cujas respostas deverão

ser respondidas por você mesmo, embora não seja necessário transcrevê-las no seu projeto de pesquisa. Pergunte a si mesmo:



Imagem 19: Disponível em <http://www.dreamstime.com/royalty-free-stock-images-3d-man-confused-image19805679>

Acesso em 31/05/2013

a) Que modalidade de ensino você pretende evidenciar?

Sugerimos que seja escolhida uma modalidade com a qual o pesquisador, preferencialmente, já tenha tido contato profissional. Se isso nunca ocorreu, o ideal é dialogar com alguém que já teve, para evitar frustrações, falsas expectativas ou desencontros oriundos da falta de informação.

b) Caso tenha relação com aprendizagem, qual faixa etária ou ano/série será investigada?

Uma vez definido trabalhar com Ensino Fundamental, estabelecer com qual ano/série a pesquisa será vinculada. Hipoteticamente, se você for trabalhar com professores do sexto ano do EF, seu foco não estará voltado às questões de aprendizagem, pois se trata de evidenciar a prática docente. Ou seja, fica definido que os sujeitos da sua pesquisa serão os professores, e não os estudantes. Desse modo, o foco recairá na prática docente. Logo, quando procurar responder questões relacionadas com a aprendizagem, sua atenção se voltará para o público discente.

c) Caso a pesquisa esteja diretamente relacionada com a formação de professores, será investigada a formação inicial ou continuada de professores de Artes?

A escolha deve recair em apenas uma delas, devido à questão de viabilidade e de administração do tempo. Se você optar pela formação continuada, por exemplo, estará evidenciando aspectos que não serão pertinentes à formação inicial, uma vez que se trata de contextos de formação distintos. Cabe ressaltar que a formação inicial diz respeito à graduação e a formação continuada se refere aos contextos de formação para profissionais já graduados e em exercício.

d) Essa pesquisa irá propor intervenções?

Esteja muito atento a isso. Provavelmente, em seu atual estágio de formação, não haverá tempo hábil para propor uma intervenção significativa, em termos acadêmicos, visando a melhoria da prática docente ou a aprendizagem dos estudantes. Essas intervenções dizem respeito às iniciativas que envolvem práticas diretamente relacionadas aos alunos ou às propostas de formação continuada dos professores (tais como, oficinas, vivências, workshops, dinâmicas de grupo, etc.).

e) Quando a pesquisa se volta para os professores, o objeto de estudo é a formação ou a prática docente?

Considerações acerca disso já foram feitas, mas não custa “bater um pouco mais nessa tecla”, pois isso deve estar bem claro! No exemplo utilizado para ilustrar esse exercício, a pesquisa está voltada para a prática docente, mas também poderia se referir a questões de formação. Independentemente da sua escolha, é necessário delimitar bem qual será seu objeto de estudo.

f) Quais materiais bibliográficos podem servir como referência inicial para a pesquisa?

Os documentos importantes, independentemente de se tratar de uma pesquisa voltada para a formação de professores, para a prática docente ou para a aprendizagem de estudantes, dentre eles, o projeto político pedagógico da escola; as diretrizes governamentais das esferas federais, estaduais e municipais (caso existam), que além de serem norteadores, dão visibilidade a autores que poderão fundamentar a pesquisa. Mas não se esqueça de que todo material consultado deve ser citado adequadamente e, nesse sentido, a credibilidade das fontes é essencial. Toda pesquisa requer uma revisão bibliográfica e devemos estar atentos aos procedimentos a serem tomados ao citarmos autores, número de páginas, ano de publicação, etc. Fontes importantes são também os bancos de dados das universidades, cujo acesso pode se dar pela busca de palavras-chaves, pelo meio virtual (sites, portais e demais bibliotecas virtuais).

Para refletir...

Resgate de memória: do início do seu curso até o presente momento, o contato com leituras e demais atividades pertinentes ao seu processo de formação inicial fez com que você reavaliasse os objetivos que inspiraram seu ingresso na modalidade EaD?

Contudo, outros questionamentos poderão surgir, mas em tese, até esse momento, essas informações são suficientes para consolidar sua proposta de pesquisa e elaborar os objetivos de seu projeto. Vale ressaltar ainda, que não se trata de uma fórmula ou de uma receita a ser seguida rigorosamente. A sua sensibilidade também é importante nesse processo, já que, apesar de uma série de critérios técnicos pertinentes à pesquisa acadêmica, seu olhar e senso crítico são componentes importantes na consolidação de seu projeto.

Depois de várias dicas, cabe agora cumprir o anunciado: fornecer exemplos de objetivos, tendo como ponto de partida o problema de pesquisa.

Problema de pesquisa (hipotético)

A iniciativa de professores, do sexto ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, de vincular a música às artes visuais por meio de recursos

audiovisuais se coaduna efetivamente às orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Artes?

Objetivo geral

Verificar a prática docente em Artes, de professores do sexto ano do Ensino Fundamental que vinculam, em sala de aula, a música às artes visuais, a partir das tecnologias de informação e comunicação (TIC).

Objetivos específicos

a) Identificar qual (is) recurso (s) audiovisual (is) selecionado (s) apresenta (m) maior eficácia no cumprimento do objetivo docente, a partir do cotejamento de referenciais teóricos das áreas de Artes, Educação e Comunicação.

b) Descrever os critérios de seleção, por parte dos professores, que definem os recursos audiovisuais e os conteúdos das aulas ministradas, a partir da apropriação das TIC.

Para melhor visualização/organização, você poderá colocar os aspectos gerais de sua pesquisa num quadro. Mas lembre-se de que essa é uma medida pessoal que *não será exposta em seu projeto de pesquisa*. Assim sendo:

Modalidade de Ensino	Sujeitos pesquisados	Categoria/ objeto de estudo	Em evidência no projeto	Áreas em diálogo
Ensino Fundamental	Professores do sexto ano do EF	Prática docente no Ensino de Artes	Música e Artes Visuais	Artes, Educação e Comunicação

Desse modo, podemos organizar uma intenção de pesquisa de forma muito simples, ou seja, é uma tarefa comum entre os pesquisadores estabelecer formas sucintas (até mesmo próprias) e objetivas de organização de seus estudos. Use a sua criatividade e invente a sua forma!

Cabe lembrar que não se trata de um roteiro hermético, mas de uma postura organizadora que facilitará a difícil tarefa de manter o foco e a disciplina, além de suscitar questões bem práticas, o que o fará íntimo do seu trabalho. Parece desnecessário tocar nesse ponto, mas é fato: você precisa estar envolvido intensamente com seu projeto de pesquisa. Há que se considerar também o seu convencimento, isto é, o quanto você acredita naquilo que está pesquisando.

Fortalecendo argumentos...

“Embora diversos nas suas concepções, métodos e efetivação prática, a inserção do trabalho de conclusão nos currículos dos cursos de graduação incentivou, de maneira crescente, a formação em pesquisa dos graduandos.”

(TOURINHO e MARTINS, 2010, p.71)

O seu esforço acadêmico não combina com “bagunça”. Por mais simplória que possa parecer essa terminologia, estamos nos referindo aos estudantes de graduação que apresentam muitas dificuldades em organizar seu tempo e seus métodos de estudo, devido à vida agitada que levam. Muitos graduandos trabalham, possuem filhos, rotinas caseiras (além das profissionais). Enfim, estudar não é a única tarefa diária de muitos acadêmicos. Entretanto, o velho jargão “me encontro em minha bagunça”, quando se trata de rotina acadêmica, deve ser descartado, sobretudo por quem optou pela modalidade de Ensino a Distância, aonde ser organizado não é dilema, mas prerrogativa.



Imagem 20: Disponível em:

<http://catia-pipoca.blogspot.com.br/2012/01/arrumando-bagunca.html>

Acesso em 31/05/2013

E ninguém melhor do que você sabe como é importante ser organizado. Logo, seja rigoroso consigo mesmo: não espere “puxões de orelhas” de professores ou de tutores. Afinal de contas, a viabilidade de se organizar em torno de sua pesquisa está ao seu alcance.

3.3 A justificativa

Definidos o seu problema e os objetivos da pesquisa, faz-se necessário justificá-los, explicar os porquês do seu trabalho (essa será sua justificativa). Trata-se da relevância da sua pesquisa, da contribuição que seu estudo estará legando a sua área de atuação. Nesse sentido, seu poder de argumentação deverá estar “tinindo”, tendo em vista que o seu desafio principal é atrelar o seu problema de pesquisa à fundamentação teórica selecionada para o seu estudo.

Cabe ressaltar que o problema de pesquisa, os objetivos e a justificativa são anunciados em sua proposta de projeto, e que a sua pesquisa se materializará em forma de artigo. No transcorrer deste livro será evidenciado o passo a passo para a formatação adequada de seu artigo acadêmico.

3.4. A revisão bibliográfica

A revisão bibliográfica de um projeto de pesquisa é parte essencial da fundamentação teórica que sustentará seu trabalho. Ou seja, a leitura de livros e artigos ou de *sites* confiáveis e demais documentos é uma espécie de ginástica mental realizada constantemente pelo pesquisador. Estabelecer uma rotina de estudo, baseada numa frequência adaptada a sua rotina, é aconselhável.



Imagem 21: Marilena Chauí. Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/tag/marilena-chauí/>

Acesso em 01/06/2013

Para Chauí (1994, p. 51), “ler” significa “aprender a pensar na esteira deixada pelo pensamento do outro. Ler é retomar a reflexão de outrem como matéria-prima para o trabalho de nossa própria reflexão”. Dizendo de outro modo, seu projeto de pesquisa buscará, em outras vozes, a constituição da sua própria voz. Diante dos textos selecionados, essa iniciativa sugere um esforço intelectual cujo pressuposto consiste em não deturpar as ideias do autor consultado, pois uma leitura proveitosa se baseia na distinção das particularidades daquilo que está

escrito, e evita conceitos fragmentados que se descolam do contexto da leitura, tornando a argumentação, no mínimo, frágil.

Mas qual seria o risco de uma fundamentação teórica fragilizada? Em termos práticos, isso resultaria na não validade acadêmica de sua pesquisa. Ou seja, ela não terá valor científico e, portanto, não cumprirá os propósitos da sua própria formação inicial. Lembre-se de que, para cumprir sua graduação, o projeto de pesquisa é um requisito exigido para conclusão da disciplina de Pesquisa em Artes. De acordo com Oliveira (1998, p. 26):

[...] por comodidade, ingenuidade ou por razões inconfessáveis, incorremos no engano de fazer colagens de citações sem respeitar as especificidades do movimento de pensar dos autores. Uma simples e única palavra assume significados inteiramente distintos, harmonizando-se ao contexto em que estiver situada.

As leituras rasas desencadeiam, ainda, outro aspecto negativo, que é o de sustentar uma base teórica alicerçada em pré-conceitos. Qualquer conclusão, portanto, deve ser fruto do pensamento coordenado e coerente do leitor com a visão de mundo de seu autor.



Imagem 22: Disponível em <http://www.brasilecola.com/educacao/transporte-escolar-1.htm>

Acesso em 31/05/2013

Vale lembrar que as fontes de informação não se resumem aos livros, *sites* ou demais documentos físicos ou virtuais. Caso ocorra, a observação apurada de inquéritos (entrevistas), junto aos sujeitos envolvidos na pesquisa, resultará na elaboração de um relatório que, confrontado com seu referencial teórico, também poderá integrar o componente teórico de seu projeto.

Nesse caso, “[...] as fontes não existem ainda sob a forma de textos escritos, mas devem tornar-se os textos que você inserirá [...] à guisa de documentos:

dados estatísticos, transcrições de entrevistas, talvez fotografias, ou até mesmo, audiovisuais”. (ECO, 2010, p. 35).

Portanto, o artigo – requisito necessário para a conclusão de sua graduação na Licenciatura em Arte-Educação – será composto por uma gama de informações provenientes da consulta a autores especializados, bem como da produção textual, resultante de seu trabalho empírico (se estiverem contemplados, em seu projeto de pesquisa, intervenções ou observações de campo).

Fica a dica...

Caso o estudo envolva seres humanos, seu projeto de pesquisa deverá passar pelo crivo do Comitê de Ética da Unicentro. Somente com a aprovação do referido comitê é que sua pesquisa poderá ser efetivada.

Mais informações no *link*:

<http://www2.unicentro.br/comep/>

3.5 Pesquisa de campo

Independente do objeto de estudo a ser escolhido para o desenvolvimento de sua pesquisa, aqueles que optarem por trabalhos de campo, possivelmente concentrarão sua atenção nos estabelecimentos de ensino. Conforme Vianna (2003, p. 12), “[...] anotações cuidadosas e detalhadas vão constituir os dados brutos das observações, cuja qualidade vai depender, em grande parte, da maior ou menor habilidade do observador e também da sua capacidade de observar [...]”

As escolas (ambientes a serem observados) possuem características próprias. De acordo com Forquin (1993, p.167), formam elas um mundo social, com “[...] seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos.”

Além da consulta bibliográfica sobre o tema, o contato com o campo, na fase inicial de seu trabalho, é de suma importância e possibilitará uma primeira avaliação da viabilidade ou não de sua pesquisa, pois suscitará questões que reforçarão ou não a sua intenção. É uma forma de reconhecimento até mesmo para procedimentos muito simples, atrelados, por exemplo, à infraestrutura dos estabelecimentos. Imaginemos que sua pesquisa envolva a dança e mais precisamente o balé.

Imagem 23: Disponível em <http://www.dicasdedanca.com.br/dicas-de-ballet-passos-de-ballet-a-tecnica-do-ballet-classico-posicoes-dos-bracos-e-maos.html>

Acesso em 31/05/2013



Qual escola seria mais favorável para o seu estudo, caso você desejasse e tivesse tempo para ofertar oficinas de dança aos estudantes, sendo uma delas com estúdio próprio e aulas de balé no contraturno e outra que sequer possui um pátio adequado para recreação ou um estúdio de balé?

A resposta parece óbvia. Contudo, você poderá chegar a uma conclusão inusitada: a segunda escola seria a escolhida, pois apesar da inviabilidade material, ainda assim, atenderia a um público desamparado, ao qual seria garantido o acesso à dança. Sua intenção dependerá, assim, de adaptações baseadas na infraestrutura da escola escolhida por você; mas de qualquer forma, o reconhecimento da realidade a ser pesquisada (neste exemplo) seria primordial para o seu planejamento.

Quando o assunto são as condições de trabalho (como a parca infraestrutura, por exemplo), são frequentes as reclamações dos professores de que:

[...] nossas escolas não oferecem condições adequadas para o ensino de artes: faltam materiais, equipamentos e locais adequados. [...] Não bastam ideias e boa vontade, é preciso condições materiais para colocá-las em prática. [...]. Porém, muitas vezes essa é uma desculpa para o imobilismo. (ALMEIDA, 2009, p. 34)

Você percebeu o quão desafiadora seria uma iniciativa como a do exemplo da dança numa escola com poucas condições materiais? Dificuldades à parte, as quais muitas vezes culminam no imobilismo, ela poderia:

[...] abalar certas convicções, questionar certezas, incitar desconfianças ao (que parece) 'dado' e provocar ousadias indagativas são algumas das tarefas que precisamos empreender na jornada em direção às formulações sobre o quê nossos alunos entendem como ciência e como método. (MARTINS e TOURINHO, 2010, p. 71).

Essas últimas colocações não pretendem se portar como “senhoras da verdade”, mas saiba que muitos projetos de pesquisa nascem sob a égide da provocação. Sim, o desafio alavanca, em muitos casos, o desejo de pesquisar!

Ainda no que se refere à inviabilidade material, Vianna e Strazzacappa (2009, p. 119) são incisivas e se posicionam na contramão de discursos quase consuetudinários:

[...] e por que a escola aceita tão facilmente a desculpa de que não existe material para o trabalho artístico e fica tão indignada com a falta de recursos para outros aprendizados? Não será porque, no fundo, todos temos esse certo preconceito sobre a arte, por considerá-la menor ou supérflua, a primeira da lista em caso de contenção de despesas e a última em questão de investimento?

Acreditamos sim, que a falta de condições materiais são um tremendo entrave, mas é importante esclarecer também que optar pelo trabalho com dança em escolas ou demais ambientes de aprendizagem dotados de infraestrutura adequada não significa incorrer em segregação, uma vez que a análise se pautará na descrição de uma realidade existente. Ou seja, não é preconceituoso optar por realizar sua pesquisa em um ambiente que oferece condições para efetivá-la (neste exemplo, um trabalho voltado para a dança). Essa é, na verdade, uma decisão sensata para quem ainda não é graduado, isto é, partir do que já foi construído como forma de se aperfeiçoar ou até mesmo de aprender com as práticas em Artes já existentes, em condições dignas de execução.



Imagem 24: Disponível em <http://papocult3.blogspot.com.br/2011/08/formacao-em-danca-para-criancas-na-vila.html>

Acesso em 31/05/2013

Isso mesmo, não há nada de errado em “retroalimentar” seu objeto de estudo! O pesquisador não é um sujeito absoluto, que se volta a uma dada realidade, tendo as soluções para todos os problemas. Ele aprende, despindo-se da arrogância e de preconceitos, na medida em que se depara com a realidade de muitos profissionais, muitas vezes, distantes do que a teoria preconiza.

Até mesmo a sabedoria popular, muitas vezes não validada academicamente, pode contribuir nesse movimento de troca de conhecimentos. Possivelmente, a melhor forma de lidar com os saberes sociais⁴ (conhecimento científico, popular e escolar), são trata-los dialogicamente, abandonando as hierarquias e graus de importância que valorizam mais um em detrimento do outro. Todos esses saberes podem ser relevantes, mas depende muito da forma de como nos empenhamos para entender um dado contexto.

Seguindo o exemplo anterior, um projeto cuja finalidade fosse construir ambientes de aprendizagem que têm a dança como foco principal, poderia ser mais bem desenvolvido em outro estágio da vida acadêmica. Ou seja, essa pesquisa poderia ser desenvolvida com maior eficiência no doutorado do que em um trabalho de conclusão de curso da graduação em Arte-Educação. Entretanto, se você e seu orientador estiverem de acordo e, suficientemente amparados teórica e metodologicamente, nada impede de seguirem adiante, com um tipo de intervenção como a exemplificada.

De um modo ou de outro, o alerta inicial é válido: conheça e reconheça o contexto que pretende pesquisar. Portanto, faz-se necessário reconhecer as características gerais do espaço escolar, apontadas por Forquin (1993), para quem as particularidades são evidentes, embora muitos pesquisadores as desconsiderem. O alerta serve aos estudiosos que adotam posturas equivocadas na condução das relações estabelecidas com diretores, pedagogos e professores. Saber “entrar” nas escolas é fundamental, e requer sensibilidade e abertura ao diálogo e às demandas advindas da própria escola. Interessante, não é mesmo? Considerar os anseios e competências daqueles que integram a comunidade escolar deve ser inerente à atividade do pesquisador.

O professor, por exemplo,

“[...] é um ser humano e, como tal, é construtor de si mesmo e da sua história. Essa construção ocorre pelas ações num processo interativo permeado pelas condições e circunstâncias que o envolvem. É criador e criatura ao mesmo tempo: sofre as influências do meio em que vive e com as quais deve autoconstruir-se. Quando se fala em prática pedagógica, o professor é aquele que, tendo adquirido o nível de cultural necessário para o desempenho de sua atividade, dá direção ao ensino e à aprendizagem.” (BRITO e PURIFICAÇÃO, 2006, p. 37).

4 Conforme Lopes (1999, p.104), “[...] o processo de constituição do conhecimento escolar ocorre no embate com os demais saberes sociais, ora afirmando um dado saber, ora negando-o; ora contribuindo para sua construção, ora se configurando como obstáculo a sua elaboração por parte dos alunos. Dentre os diferentes saberes sociais, o conhecimento científico e o conhecimento cotidiano se mostram como dois campos que diretamente se inter-relacionam com o conhecimento escolar [...]”

Tenha sempre em mente que a classe docente é composta por sujeitos que possuem vontade própria e, que eles podem, simplesmente, entender que sua pesquisa não é de interesse para a escola. Eles estarão errados ao pensar assim? E, mesmo seguindo a cartilha do bom senso, ao dialogar com os estabelecimentos de ensino, esteja consciente de que as escolas podem não se interessar pela presença de um pesquisador. Também pode ocorrer que um professor deseje sua presença

no estabelecimento de ensino, mas a direção ou a equipe pedagógica, não.



Imagem 25: http://www.imagens.usp.br/?attachment_id=14488

Foto: Marcos Santos/USP Imagens.

Acesso em 31/05/2013

Há algumas possíveis explicações para isso. O sentimento que fica, para muitos profissionais da educação, ao terem suas práticas pesquisadas, é o de estar na berlinda o tempo todo e de que a escola é traduzida como um ambiente a ser observado e criticado negativamente a partir de apontamentos de supostos erros. Ao contrário do que muitos acreditam, a escola não está inteiramente à disposição dos pesquisadores quando eles decidem desenvolver uma pesquisa, até mesmo os estabelecimentos públicos! Saber “entrar” na escola deve ser, portanto, inerente ao seu trabalho de pesquisador.

Algumas posturas de pesquisadores geram desconforto e, muitas vezes, para não correr o risco de se tornarem reféns da observação alheia, as escolas se fecham. Por isso, é de fundamental importância respeitar as condições impostas por elas, tendo em vista que é você quem deve entrar no ritmo do estabelecimento e não o inverso.

Quando é feito um levantamento de dados, a partir do inquérito realizado junto a professores ou a demais profissionais, não basta apenas a instrumentalização adequada do material obtido, como “manda o figurino” acadêmico. Atitudes éticas, em relação aos pesquisados, são essenciais. Evite posturas que o coloquem como o “senhor da verdade”. No meio acadêmico, é comum encontrarmos profissionais apoiados em seus próprios dogmas, postura que poderá gerar resistência e desconfiança.

Além da desconfiança, ainda há a impossibilidade de inserir no cotidiano escolar mais um trabalho extracurricular. São muitas as demandas institucionais, exigências e prazos a serem cumpridos pelos profissionais das escolas. Portanto, com a carga horária comprometida por uma rotina de trabalho avassaladora, muitos desses sujeitos podem não se disponibilizar ou se comprometer em auxiliar pesquisadores.

Você pode estar se perguntando: “mas nem passou pela minha cabeça propor um projeto de pesquisa que envolva o ambiente escolar”. Tudo bem! Digamos que você decida fazer um estudo sobre um grupo de atores que trabalha com jogos teatrais, no interior de um hospital, ou ainda, que você deseja avaliar um programa voluntário de formação de cantores para um coral, composto por alunos de uma escola, porém, realizado no barracão da associação de moradores do seu bairro. Nesses casos, você deve seguir a mesma metodologia.

É possível elencar ainda, vários exemplos de ambientes, em potencial, para sua pesquisa, mas esses bastam para elucidar as suas dúvidas, caso elas o tenham, de fato, acometido (a). A mínima atitude a ser adotada é apresentar sua intenção de pesquisa aos responsáveis ou coordenadores desses locais, procurando sensibilizá-los sobre sua iniciativa e sobre a relevância da sua pesquisa. Ou seja, devemos “saber” entrar em qualquer lugar ou público.

Enfatizamos que o ambiente escolar, por se tratar do curso de Arte-Educação, é formador de professores e professoras cujo principal mercado de trabalho são os estabelecimentos de ensino. Contudo, como foi observado, existem outros espaços possíveis de serem investigados. Primordialmente, esse passo importante (definir *o quê* e *onde* pesquisar) é definido em consenso com seu orientador ou orientadora. Pretendemos evidenciar, neste ponto, que para além das competências técnicas que contemplam o perfil do pesquisador, devemos estar

conscientes também dos obstáculos possíveis de serem encontrados durante o percurso e efetivação do projeto de pesquisa. E se mesmo pela via do diálogo não for possível iniciar o



Imagem 26: <http://pt.dreamstime.com/imagens-de-stock-corrída-de-obst%C3%A1culos-image28971464>

Acesso em 31/05/2013

trabalho em uma determinada escola ou outro local, repense sua pesquisa. Consulte seu orientador (a) e não se isole a ponto de acreditar que não é capaz de realizar uma pesquisa. Outro detalhe: seja flexível. Se por uma via não é possível, não insista. Repense! A realidade não se submete ou não é obrigada a se submeter ao caminho que você pretende traçar. Nesse tocante, se ressalta a importância do método, responsável por assinalar um percurso, dentre os vários existentes, que apontará os caminhos a serem seguidos pelo pesquisador.

De acordo com Oliveira (1998, p. 17), nem sempre

[...] o pesquisador tem consciência de todos os aspectos que envolvem [...] seu caminhar, nem por isso deixa de assumir um método. Todavia, neste caso, corre muitos riscos de não proceder criteriosa e coerentemente com as premissas teóricas que norteiam o seu pensamento. Quer dizer, o método não representa tão somente um caminho entre outros, mas um caminho seguro, uma via de acesso que permita interpretar com a maior coerência e correção possíveis as questões sociais propostas num dado estudo, dentro da perspectiva abraçada pelo pesquisador.

Perceba que nessa fala o autor ressalta uma íntima relação entre a pesquisa e o ato de (re)planejar suas posturas.

Para quem tem a curiosidade aguçada...

Em seu livro, **A imaginação sociológica** (1975), Wright Mills previne os pesquisadores para que sejam, ao mesmo tempo, confiantes e céticos, marcas do trabalhador maduro. Como você interpreta essa afirmação? Coloque a curiosidade para funcionar e pesquise mais sobre o referido autor, tirando suas conclusões.

3.5.1 A opção pela pesquisa qualitativa

De acordo G. G. Granger (1988, p. 95), “a obra da ciência, como a obra da arte, é o produto de um trabalho que, independentemente de todas as conotações e de todas as consequências que lhe confere a sua inserção numa realidade social, é fundamentalmente uma espécie de jogo”.

Talvez soe enigmática essa definição, mas ela não está aqui por acaso. Passe os olhos novamente pelo primeiro parágrafo e o leia mais uma vez. Clareou? Não? De uma forma ou de outra, não tenha receio de ler, exaustivamente, um mesmo parágrafo. Isso faz parte da labuta de quem estuda, ou seja, é normal. Não se deprecie por ter de voltar várias vezes ao mesmo ponto. Talvez, tenha passado

pela sua cabeça o seguinte entendimento: “o autor falou em jogo, e todo jogo, do mais fácil ao mais complexo, requer regras”.

É uma linha de pensamento plausível, tendo em vista a afirmação anterior, mas perceba que não é a única maneira de entendê-la. Contudo, é por essa linha de raciocínio que iremos seguir adiante, para falar das “regras” a serem cumpridas durante a realização de um trabalho de pesquisa.

Existem várias técnicas e métodos de pesquisa, e não é por acaso, que os cursos de licenciatura apresentam, em suas grades curriculares, disciplinas voltadas para esses aspectos, geralmente designadas *Metodologia Científica*, *Iniciação Científica* ou *Métodos e Técnicas de Pesquisa*. No que tange ao curso de graduação a distância, em Arte-Educação, da Unicentro, essa disciplina é designada *Pesquisa em Artes*.

No entanto, em virtude do espaço reservado às questões metodológicas no Ensino Superior, a impressão que muitos têm é que apenas uma disciplina não é suficiente para abordar, de forma ampla, tudo aquilo que diz respeito à metodologia, definida por Minayo (2000, p.16) como “[...] o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade.”

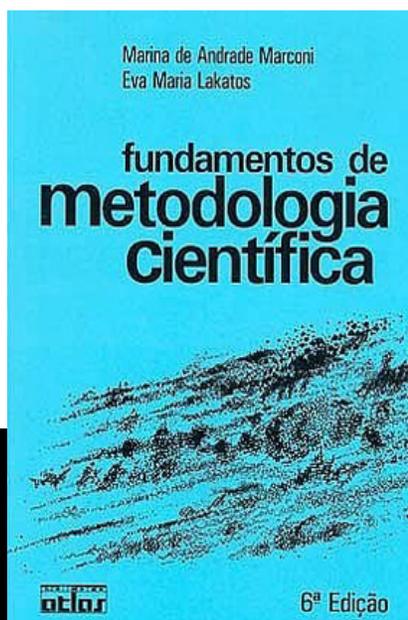
No transcorrer desse livro você teve contato com vários autores, e mesmo assim, podemos afirmar, sem titubear, que se trata de uma parcela pequena, haja vista o elevado número de publicações sobre métodos e técnicas de pesquisa. Em virtude do elevado número de autores e estudos relacionados a esse respeito, seria demasiadamente pretencioso querer expor tudo aquilo que envolve o tema, numa única publicação.

Isso significa, principalmente para quem deseja seguir carreira acadêmica, que será necessário sempre buscar novas referências. Nesse sentido, é relativamente fácil encontrar livros que tratam exclusivamente das técnicas de observação, outros voltados apenas para os tipos de pesquisa e para a formatação do trabalho, e outros dedicados a orientar os estudantes sobre como deve ser a escrita acadêmica.

Portanto, não se assuste com tantas normas e regras, mas também não resuma sua leitura acadêmica a apenas uma publicação. Sempre existirão lacunas e, para sustentar essa afirmativa, podemos recorrer a um velho jargão popular: “quanto mais sabemos, descobrimos como, na verdade, sabemos pouco”. De acordo com Freire (2002, p. 29):

não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Segundo Lakatos e Marconi (1987, p.15), “a pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um



tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. Assim sendo, esteja consciente de que este livro será um aliado importante no que se refere à iniciação científica, ou seja, é um primeiro passo para contribuir na sua caminhada, porém não se encerra nele. O aperfeiçoamento vem com tempo e paciência (nunca é demais lembrar!).

Imagem 27: foto de Márcia Cristina Cebulski

Devido ao extenso terreno metodológico que nos cerca, este livro elegerá/ ilustrará brevemente apenas um tipo de pesquisa, por entender que ela é de fundamental importância no campo da Educação. Referimo-nos aos métodos qualitativos de pesquisa acadêmica que, de acordo com Flick (2004, p. 22):

[...] consideram a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte explícita da produção de conhecimento, ao invés de excluí-la ao máximo como uma variável intermédia. As subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados são parte do processo de pesquisa.

Ou seja, os métodos dizem respeito a um conjunto de técnicas que privilegiam o pesquisador que sai para o campo com o objetivo de encontrar o outro, isto é, os demais sujeitos que compõem a esfera educacional. Nesse sentido, “[...] as investigações qualitativas, por sua diversidade e flexibilidade, não admitem regras precisas, aplicáveis a uma ampla gama de casos.” (ALVES-MAZZOTTI E

GEWANDSZNAJDER, 1999, p. 147). Vianna (2003, p.83) apresenta uma excelente definição para esse tipo de pesquisa:

[...] formas ditas qualitativas de observação traduzem-se, em geral, em relatos cursivos sobre eventos ou comportamentos, que serão analisados à luz de alguma teoria ou pela análise do conteúdo, em função das categorias elaboradas a partir do próprio material dos relatos cursivos. A observação pode ser ampla, abrangendo todo o período de permanência do observador no campo, ou pode ser seletiva, observação e descrição de eventos determinados em função do problema de pesquisa.

Haja vista os objetos de estudo que estarão em evidência em sua pesquisa em Artes, é provável que sua investigação se pautará nos métodos qualitativos, o que justifica a ênfase dada, neste livro, a esse respeito.

3.6 A quem recorrer se a pesquisa for realizada em escolas?

Estar bem fundamentado em pressupostos teóricos sólidos e ciente da importância e da utilização de um método condizente às intenções acadêmicas tornará a aproximação junto às instituições de ensino um momento crucial para o seu projeto de pesquisa. Também nunca é demais lembrar sobre a necessidade de submeter o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética, caso necessário.

Mas quais seriam essas instituições? Em caso de escolas municipais, o seu trabalho deve ser apresentado à Secretaria Municipal de Educação da cidade em que sua pesquisa será realizada. Mesmo que você tenha consciência de que a escola estará aberta ao seu trabalho, essa formalidade é necessária. É, no mínimo, uma demonstração de respeito à mantenedora do estabelecimento de ensino. Escolas e colégios estaduais têm como órgão mantenedor, os Núcleos Regionais de Educação ou a Secretaria Estadual de Educação. Em colégios e escolas particulares, procure dialogar diretamente com diretores que, provavelmente, colocarão você em contato com as suas respectivas equipes pedagógicas.

A anuência institucional legitimará a sua entrada na escola e você pode solicitá-la por meio de um ofício, assinado por quem lhe orienta. O conteúdo desse documento é sucinto, porém, não é mera formalidade. Nele, estarão descritos aspectos gerais de seu projeto (anexado ao documento). Conforme Vianna (2003, p. 41), “a identificação do pesquisador é uma das muitas questões éticas

ligadas às atividades de pesquisa”. Quanto mais transparência (princípio ético do pesquisador), maior a possibilidade do aceite.

Contudo, apenas isso não bastará! A escola deve estar, de fato, aberta para a sua intenção de pesquisa. Daí a importância de antecipar seus passos e estabelecer, em cronograma de ações, reuniões com órgãos competentes, antes mesmo do início do ano letivo, tendo em vista que questões burocráticas, por excelência, são lentas. Você usa agenda para organizar seus compromissos? Em caso de negativa, é de bom tom se apropriar desse recurso.



Imagem 28: Obra Persistência da Memória de Salvador Dali. Disponível em [http://www.infopedia.pt/\\$a-persistencia-da-memoria-de-salvador-dali](http://www.infopedia.pt/$a-persistencia-da-memoria-de-salvador-dali)

Acesso em 01/06/2013

Tempo é o que você menos terá nessa reta final de graduação. Portanto, não o perca. Adiante-se sempre que possível, para conseguir as autorizações necessárias para o seu ingresso nos estabelecimentos de ensino ou em demais ambientes de aprendizagem, caso sua pesquisa de campo esteja inserida nesses contextos. Quem persiste mais, o tempo ou a memória? Vai ficar aí parado esperando que Dali responda? Tic, tac, tic, tac...

CAPÍTULO IV

4.1 Dilemas acadêmicos

O capítulo anterior foi dedicado aos aspectos relacionados à concepção e à formulação dos objetivos de um projeto de pesquisa em Artes. Por certo, essa é uma missão que se revela como iminente, no bojo das iniciativas a serem tomadas por você, pesquisador dos primeiros passos.

Seu horizonte é promissor, mas chegar até aqui não foi fácil, o que valoriza e justifica ainda mais o seu empenho. Como forma de valorizar ainda mais sua caminhada, este capítulo abordará questões que, muitas vezes, ao invés de motivarem, desaminam os pesquisadores, sobretudo aqueles que estão em início da trajetória – daí o título que abre este quarto capítulo.

O intuito, neste momento, é compartilhar experiências vivenciadas no meio acadêmico e se, por ventura, algo tenha lhe desagradado na vida universitária, saiba que você não está sozinho (a). Todos nós somos suscetíveis ao descontentamento,

mas isso é muito pouco diante da força que nos movimenta. Muita gente desiste, em alguns casos, por não estar amparada e ciente das dificuldades. Diria aquela música da banda gaúcha Engenheiros do Havai: “eu não vim até aqui, pra desistir agora [...]”, e você?

Exemplificando: não foram uma ou duas, mas várias vezes que presenciamos, por ocasião da participação em bancas examinadoras, seminários e discussões acadêmicas, a postura reticente de professores, em relação à linguagem adotada pelos examinados. Em situações distintas, também observamos o inverso. Ou seja, já presenciamos os examinados protestarem (na maioria das vezes, timidamente) que um professor ou professora sabe muito sobre determinado assunto, mas não sabe explicá-lo de maneira inteligível.

Em tese, isso acontece porque muitos profissionais entendem que o exercício acadêmico não pode ser banalizado. Daí a adoção de linguagens técnicas que, aos leigos ou àqueles que ainda estão se adaptando ao meio acadêmico, tornam-se um verdadeiro dialeto indecifrável. Há que se considerar o rigor técnico que acompanha o caminhar do pesquisador ou do professor do ensino superior, dada a importância de um determinado tema e da necessidade de buscar nele “verdades”, na maioria delas, provisórias.

Seu projeto de pesquisa trará à tona questões e experimentações sobre um dado contexto, mas se distanciará da busca por uma verdade absoluta, uma vez que partimos do entendimento de que somos acometidos pela provisoriedade. Do contrário, as ciências não teriam razão de existir. Não teríamos nada a questionar e, por extensão, não haveria necessidade de buscarmos soluções, pois o mundo seria um lugar perfeito. Sabemos que a palavra “utopia”¹ vem de uma narrativa ficcional.

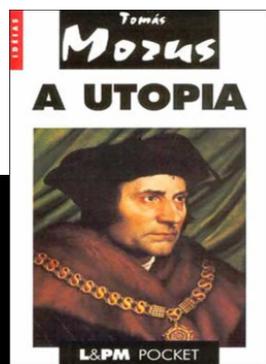


Imagem 29: Disponível em <http://www.elivrosgratis.com/download/1912/utopia-thomas-morus.html>

Acesso em 01/06/2013

1 De acordo com o Dicionário Aurélio, “utopia” se refere ao “local ou situação ideais onde tudo é perfeito. O substantivo utopia vem das palavras gregas ou e topos, que significam sem lugar. Refere-se especialmente a um tipo de sociedade com uma situação econômica e social ideal. Frequentemente a palavra é empregada para designar sistemas ou planos de reformas considerados pouco práticos ou irrealizáveis”. Morus, autor da “Utopia”, publicada no século XVI, em sua narrativa, criou um reino-ilha imaginário cuja sociedade funcionava de modo justo e perfeito. (Disponível em <http://www.dicionariodoaurelio.com/Utopia.html>. Acesso em 28/07/2013).

Complicações sempre estarão presentes, já que vivemos em um meio (acadêmico) no qual as verdades são substituídas por outras e simplificar tal processo é inviável. A busca por uma “verdade” implica em esforços epistemológicos e metodológicos complexos, mas é óbvio que, no momento de expressar tais esforços, por meio da escrita ou da oralidade, o ouvinte menos atento terá uma grande dificuldade para captar a mensagem, aquilo que se quis dizer. Porém, nem todas as relações dialógicas são feitas exclusivamente no meio acadêmico, quando o assunto é pesquisa em Educação, independente da área de conhecimento.

Assim sendo, cabe ao pesquisador (veterano ou calouro) desenvolver a sua sensibilidade, de modo que saiba identificar qual linguagem é adequada para o tratamento de um determinado tema. Sobre esse aspecto, Oliveira (1998, p. 20) apoia-se em Wright Mills, que sublinha

[...] a necessidade de se perseguir, sempre que possível, o emprego da linguagem clara e simples. Não é nada fácil, mesmo porque práticas anteriores consagram linguagens específicas conforme a área: o psicólogo, o economista, o sociólogo e assim por diante. Entenda-se bem: não se trata de vulgarizar questões e conceitos, mas de sempre se esforçar para enunciá-los com a clareza e linguagem simples. Questões complexas podem ter tratamento não-reducionista, usando-se clareza de expressão, de modo a que também se possa entender a complexidade em sua plenitude.

Isso nos remete, mais uma vez, aos cuidados no trato com outros sujeitos. Assim sendo, abra mão da linguagem rebuscada, mesmo quando ela se fizer necessário, para tratar do tema em evidência. Dizendo de outra forma,

[...] a pesquisa é um tipo de atividade humana como as outras, sujeita aos mesmos constrangimentos, influências e limitações que qualquer campo de atuação. A universidade e os centros de pesquisa não estão fora da sociedade, mas, ao contrário, mantêm com ela relações diversas, mais ou menos visíveis, mas sempre contraditórias e complexas (CAMPOS, 2009, p. 281).

Para refletir...

Contraposições sempre são bem vindas. Portanto, não desanime diante dos percalços que possam surgir durante sua caminhada acadêmica. Esteja ciente das dificuldades e desapegue do imediatismo. O caminho do pesquisador é feito passo a passo, não de saltos largos.

Em suma, nesse grande emaranhado de leituras e ideias no qual você se dispôs a adentrar por meio do curso de Arte-Educação, será comum encontrar resistências e discordâncias em relação ao seu objeto de estudo. É óbvio que há razões para se preocupar (seria incomum não tê-las); entretanto, elas não podem ser maiores do que sua iniciativa, do que seu olhar apurado e do reconhecimento de como é necessário voltar-se ao ensino de Artes pela perspectiva investigativa, ou seja, pelo viés do pesquisador.

Bons frutos poderão ser colhidos: a força dessa metáfora pode ser incorporada desde o momento em que você escreveu a primeira linha do seu projeto de pesquisa. Referimo-nos à paciência, ingrediente que não poderá faltar a você e ao seu orientador ou a sua orientadora.

Dessa forma, mais uma vez, a componente sensibilidade alicerçará a sua caminhada. Se por um lado, o seu (a) orientador (a) cobrará de você o cumprimento de prazos, saiba também, que um turbilhão de demandas pesará sobre os ombros dele (a). Eles (as) também são cobrados por produtividade, fato que também recai em questões relacionadas ao cumprimento de prazos. Mais uma vez ressaltamos a importância do diálogo, fundamental entre orientando e orientador.



Imagem 30: Disponível em <http://www.frasesnofacebook.com.br/frases-de-paciencia/page/2/>

Acesso em 01/06/2013

Possivelmente, seu trabalho transcorrerá sem muitos percalços se a sintonia entre ambos estiver em harmonia, mesmo que haja discordâncias. Afinal de contas, o esforço empregado em seu projeto de pesquisa, desde a produção textual até as questões práticas e metodológicas, vem em primeiro lugar. No entanto, nem sempre um primeiro planejamento é capaz de cumprir todas as metas perseguidas pelo projeto de pesquisa. Esteja preparado para buscar respostas que você mesmo suscitou quando elaborou seu projeto. Entretanto, rever pontos iniciais do seu estudo não é motivo para desanimar, pois isso é parte inerente ao processo e refletirá na melhoria da qualidade do seu próprio trabalho.

4.2 Boa ou má qualidade: eis a questão

É comum, em diversas circunstâncias, ao adjetivo *qualidade* atribuímos um sentido positivo. “Nosso trabalho é de qualidade”, “Educação de Qualidade” e “Qualidade comprovada” são jargões recorrentemente utilizados em gestões político-partidárias, visando reforçar a excelência dos atributos de determinada iniciativa na gestão educacional de dada cidade, região ou país.

Contudo, *qualidade* também pode se referir a algo ruim, não é mesmo? Não se trata de mero capricho descritivo. Parece evidente, em se tratando de Educação, que os sujeitos envolvidos nesta área perseguem os aspectos positivos. Porém, é de bom tom discernir a boa da má qualidade, mesmo em termos discursivos. O que está em jogo é a superação de discursos hegemônicos e verdades postas como absolutas. Para tanto, questionar é um poderoso exercício acadêmico e de cidadania.

O teor político dos meios acadêmicos não pode ser eximido, porém, tal exercício (típico de uma sociedade democrática) se dá (ou deveria se dar) numa esfera apartidária. O cuidado a ser tomado, na instância acadêmica, é o de legitimar,



sem coerência ou critérios científicos, programas ou projetos educacionais de determinadas gestões, sejam elas municipais, estaduais, federais ou privadas.

Imagem 31: Disponível em <http://inccom.org/?key=negative>

Acesso em 01/06/2013

Também não se trata de assumir uma postura neutra, uma vez que a neutralidade é um mito – pelo menos no meio acadêmico. Constantemente somos instigados a assumir uma posição diante de um objeto de estudo e, nesse sentido, a postura compromissada em se aproximar da realidade e descrevê-la sem desvirtuá-la, consiste, acima de tudo, em assumir um posicionamento ético de objetivação.

Fortalecendo argumentos...

“É muito importante entender bem o que é cidadania. É uma palavra usada todos os dias e tem vários sentidos. Mas hoje significa, em essência, o direito de viver decentemente”.

(DIMENSTEIN, 2001, p. 29).

Quando se trata de marcar uma posição diante de um objeto de estudo, a criticidade é companheira inseparável. Contudo, ser crítico não significa simplesmente apontar defeitos em políticas públicas ou em iniciativas privadas em Educação. Tampouco, consiste em enaltecer cegamente uma dada experiência devido à admiração ou militância por um partido que, por exemplo, ocupa cadeiras voltadas à pasta da Educação. Enquadrar-se em ambos os exemplos é colocar em prática um dos maiores males da sociedade democrática, vulgarmente conhecida como “politicagem”.

O exercício acadêmico, por meio de um projeto de pesquisa, analisa com cuidado uma dada realidade e, para tanto, deve haver atenção redobrada na escrita, que demanda um recolhimento à imaginação para inventar e refinar também a capacidade de comunicação. Escrever e ler o trabalho muitas vezes e preferencialmente em voz alta contribui para repensar o conteúdo, para clarificar o pensamento e para refletir sobre a forma como as ideias estão sendo expostas e encadeadas. (MARTINS e TOURINHO, 2010, p. 83).

Após essas dicas valiosas, lembre-se de que sua pesquisa não deve ser um instrumento para agradecer “Fulano” ou evidenciar “Sicrano”. Trata-se de uma descrição imparcial, pautada em posicionamentos que poderão desagradar autoridades ou proprietários de estabelecimentos de ensino formal e não formal. Na proporção contrária, ou seja, superestimar iniciativas também poderá delegar sucesso a quem não merece. Daí a insistência pela utilização de critérios metodológicos concisos, de referenciais teóricos pertinentes e de criticidade.

Professores e pesquisadores dedicados às Artes (ou até mesmo às outras áreas do conhecimento) militam por uma causa sem partido, mas com bandeira própria, melhor dizendo, batalham muitas vezes, por causas desprezadas pela opinião pública e por autoridades, por serem consideradas irrelevantes para obtenção de votos. Além disso, infelizmente são comuns discursos voltados para o senso-comum, que não atribuem a devida importância às Artes.

O posicionamento por nós assumido, como profissionais da Educação, não é corporativista, tendo em vista que entendemos que, tão importante quanto um médico, é o artista, que tão importante quanto o advogado, é o músico, e que tão importante quanto encher a barriga de pão, é encher a mente de arte. Diria a música da banda brasileira Titãs, no álbum “Jesus não tem dentes no país dos banguelas”:

Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de que?
Você tem fome de que?...

A gente não quer só comida
A gente quer comida
Diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída
Para qualquer parte [...]



Imagem 32: Disponível em <http://whiplash.net/materias/cds/148987-titas.html>.

Acesso em 01/06/2013

Não há como negar que somos um sistema integrado por aspectos físicos e emocionais. Pensar como Arte-Educador consiste em empreender esforços diante de uma perspectiva de ensino-aprendizagem que busca integrar a razão e a sensibilidade.

Para não cair no erro de criticar por criticar, e aproveitando ainda o exemplo das experiências de gestões públicas ou privadas, obviamente, as de boa qualidade devem ser evidenciadas, pois podem servir de exemplo ou inspirar ações. O cuidado que se deve tomar é ético e, ao mesmo tempo, técnico, ou seja, seu posicionamento deverá ser acadêmico, mas não tendencioso, em termos partidários.

4.3 Os desafios de um projeto de pesquisa

Independentemente da linha de pesquisa, dos autores e dos contextos adotados direta e indiretamente, o que está em jogo para você, futuro professor ou professora de Artes, é a consolidação acadêmica da sua área do conhecimento. Isso significa afirmar que a Arte é tão importante quanto as áreas de Português e de Matemática, assim como as demais. Lembre-se, portanto, de que o corporativismo não nos leva a nada e de que simplesmente rima com fundamentalismo. Cabe a nós, profissionais da Educação, investir em radicalismos?

Fica a dica...

É comum nos depararmos com pesquisadores ou até mesmo com professores, a discursar, com arrogância, em relação à relevância de sua área do conhecimento em detrimento das demais. Porém, todas são importantes e ponto final.

Já ouvimos, muitas vezes, no decorrer da nossa carreira, que “a Arte é algo dispensável” ou “puro entretenimento” dos estudantes, a partir de algum tipo de atividade prática, preferencialmente lúdica. Faça um esforço de memória, tentando se lembrar das aulas de Artes nos tempos da sua infância ou adolescência.

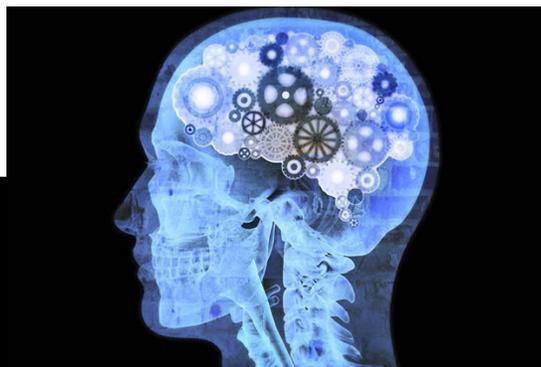


Imagem 33: Disponível em <http://blog.medicallivros.com.br/2013/05/24/10-dicas-para-aprender-a-estimular-sua-memoria/>

Acesso em 01/06/2013

Quem é do tempo da Educação Artística², na escola básica, grosso modo, ficava o ano inteiro desenvolvendo atividades gráficas, num caderno de desenho e recortando bandeirolas para ocasiões festivas da escola. Obviamente, a maneira como

2 De acordo com os PCNs (1998, p. 26), em “[...] 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada ‘atividade educativa’ e não disciplina, tratando de maneira indefinida o conhecimento. [...] o resultado dessa proposição foi contraditório e paradoxal. Muitos professores não estavam habilitados e, menos ainda, preparados para o domínio de várias linguagens, que deveriam ser incluídas no conjunto das atividades artísticas (Artes Plásticas, Educação Musical, Artes Cênicas)”.

a disciplina foi sendo construída, na prática, tornou difícil compatibilizá-la com outras áreas do conhecimento, fato que, nos nossos tempos de estudante da Educação Básica, tornava a disciplina algo, de fato, sem importância. Só para ilustrar melhor, naquela época, a maioria dos professores não era formada na área em questão.

Para sua sorte, talvez essa não tenha sido sua realidade de estudante da Educação Básica. Mas, acredite, entre as décadas de 70 e 90, do século XX, foi isso que preponderou. Nossos colegas historiadores não teriam dúvida em afirmar que esse contexto histórico foi “ontem”, isto é, trata-se de um passado próximo ao presente que estamos vivendo. Sem muitas delongas, é possível entender que o nosso presente representa o futuro das décadas que virão. O que estamos realizando, no presente/futuro, e que um dia será a marca do passado, em termos de Educação? Qual é o retrato efêmero do nosso tempo?

Sabemos o quanto a Arte é importante na formação e no desenvolvimento dos sujeitos, mas será que sabemos fundamentar isso? É nesse ponto que pretendemos chegar. De acordo com Martins (1998, p. 46),

[...] pelo poder de síntese da linguagem da arte, nossa sensibilidade capta uma forma de sentimento que nos nutre simbolicamente, ampliando nosso repertório de significações. Adquirimos um conhecimento daquilo que ainda não sabíamos e, por isso mesmo, transformamos nossa relação sensível com o mundo e as coisas do mundo.

Em linhas gerais, pensar no bem que a Educação pode oferecer a cada sujeito, é pensar em sua própria formação e desenvolvimento. Mas em que medida as Artes contribuem para a efetivação desse desenvolvimento?

Retóricas à parte, para melhor ilustrar, trataremos à tona algumas experiências vivenciadas no curso de Arte-Educação presencial da Unicentro. Entra ano e sai ano, é possível perceber, com facilidade, a grande dificuldade dos acadêmicos, no que diz respeito ao aprofundamento teórico acerca das diversas linguagens que compõem as Artes.

Diga-se de passagem, nosso curso é um dos poucos, em todo país, que se propõem a debater e a dialogar com todas as linguagens sem segmentá-las, fato que o torna não apenas potencialmente, mas efetivamente, um espaço raro e privilegiado para a consolidação das Artes no meio acadêmico, sobretudo, na formação inicial de professores.

Para quem tem a curiosidade aguçada...

A implantação da Educação Artística abriu um novo espaço para a arte, mas ao mesmo tempo percebeu-se que o sistema educacional vinha enfrentando dificuldades de base na relação entre teoria e prática em arte e no ensino e aprendizagem desse conhecimento (PCNs, 1998, p. 27).

No que diz respeito aos aspectos estéticos da Arte, é fundamental que se faça um tratamento teórico adequado, já que não há melhor oportunidade para trazer discussões a esse respeito no seu projeto de pesquisa, tendo em vista que nele, questões teóricas poderão ser colocadas em debate e pontos de vistas postos em dúvida. É no seu projeto também que poderão ser configurados posicionamentos contrários às formas de pensamentos hegemônicos ou pautados no senso-comum e que processos criativos de artistas e criações coletivas poderão estudadas, entre outras possibilidades.

Portanto, o que pretendemos destacar, nesse momento, é que seu projeto de pesquisa em artes será um aspecto relevante para sua maturidade acadêmica. Apoiamo-nos nesta descrição e em questões empíricas, frutos da nossa observação cotidiana, sem maiores rigores técnicos, mas que no futuro, poderão render pesquisas. Portanto, encare essas opiniões recém-expostas, como hipótese, como algo ainda a ser validado, e que aqui, servem apenas como agentes provocadores do seu pensar.



Imagem 34: Disponível em <http://www2.unicentro.br/campi-universitarios/>

Acesso em 01/06/2013

Para concluir, o ponto em que desejamos chegar: boa parte do corpo discente ao qual nos referimos, ingressa no curso de Arte-Educação presencial da Unicentro motivado muito mais pela palavra “Arte” do que pela palavra “Educação”. Seria esse um problema de pesquisa? O que você acha? E na modalidade a distância, essa possibilidade é absurda ou próxima da realidade? Investigar essa hipótese pode ser um projeto de pesquisa?

Você – leitor (a) atento (a) – percebeu o esforço para lembrá-lo ou lembrá-la de que sua graduação lhe colocará em situações profissionais que não

dizem respeito unicamente à ribalta, aos jogos de luzes, concertos e recitais, às exposições e *vernissages*.

É notória a destreza de muitos estudantes com a Música, com o Teatro, com a Dança ou com as Artes Visuais. Essas afeições e habilidades são uma vantagem e um elemento de compatibilização com o curso de Arte-Educação.

Porém, ingressar nele não os tornará atores ou dançarinos, pintores ou artistas plásticos, instrumentistas ou cantores. Obviamente, tais habilidades podem ser grandes aliadas e companheiras nos desafios que você encontrará em ambientes de aprendizagem formais e não formais. No entanto, lembre-se sempre, de que o seu objetivo é ser professor de Artes.

4.4 Para além da apreciação

Formas de linguagens cuja estética se sobressai em relação às demais podem criar uma falsa ideia de que a Arte presta um serviço exclusivo ao deleite apreciador.



Imagem 35: Disponível em <http://www.filosofia.ufpr.br>

Acesso em 01/06/2013

A escrita acadêmica também possui sua estética, também pode ser bela. Além disso, e o mais importante, nos situa e torna legítima nossa presença no meio acadêmico, uma vez que tudo está relacionado ao olhar que lançamos. Mesmo com dificuldade, não veja com preconceito os conhecimentos teóricos, pois serão eles instrumentos poderosos de articulação entre os diversos saberes, e um dos aspectos que confere a Arte a sua grandeza está em sua capacidade de dialogar com todos os campos do conhecimento. Lembre-se do nome do seu curso – Arte-Educação! Dialógico, não é mesmo?

Ferraro e Nardin (2009, p. 186) assim se posicionam sobre a dificuldade de definir um esquema ou um programa para arte, de caráter universal e variável:

Tal indefinição gera a obra transformadora e investigadora de si própria ao colocar em questão o conceito de arte que temos hoje, bem como aquele instituído pela modernidade, suscitando no espectador indagações como: isto é arte? Tudo é passível de se tornar arte?

Sabemos que não há nada de supérfluo nos objetivos do ensino das Artes e também o quão recorrentes são esses questionamentos. Nesse sentido, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96) considera obrigatório o ensino dessa disciplina, na Educação Básica, por entender que ele promove o desenvolvimento cultural dos alunos.

Por si só, esse argumento justifica a prática docente em Artes, uma vez que se baseia num documento legítimo. Desse modo, tudo aquilo que for realizado, nessa disciplina, no território nacional, deverá estar amparado na referida lei, também conhecida como LDB (Você se lembra do Darcy Ribeiro?).

Para Martins (1998, p. 13), “ensinar arte significa articular três campos conceituais: a criação/produção, a percepção/análise e o conhecimento da produção artístico-estética da humanidade, compreendendo-a histórica e culturalmente”.

Schmidt (2007, p.247) também lembra que educar

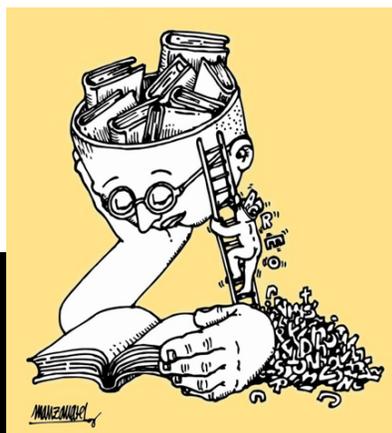
[...] esteticamente é dar legitimidade a fenômenos como a criação do novo, a abertura ao diferente, a recusa de dicotomias e percepções fragmentadas, a extinção do estereótipo, de juízos ou julgamentos pré-concebidos. É ainda a recusa da impressão da “mesmice”, da “rotina”, de que “todos os dias são iguais aos outros”, visando uma percepção que seja cada vez mais capaz de sentir o frescor da vida e de suas qualidades sensíveis – visão das partes.

Em suma, atribuir importância à inserção da Arte na Educação significa tomar consciência de que a formação e o desenvolvimento humano, por meio de nossas próprias experiências (individuais e coletivas), requer o contato com linguagens estéticas. No entanto, de acordo com Alcaide e Silva (2009, p. 42), mesmo presente em todas as etapas da Educação Básica, a carga horária de Artes é

[...] muito inferior à necessária e, às vezes, também com uma distribuição pouco adequada, mantendo-a relegada a matéria de segunda importância, à margem, por não se saber ou não se querer reconhecer que é algo mais, muito mais, que a mera realização de trabalhos manuais, sendo muito importante sua contribuição no desenvolvimento integral do indivíduo.

Mas por onde passa a busca pelo desejado desenvolvimento? Almeida (2009, p. 13) afirma que, embora “[...] os professores assumam que o ensino das artes na educação básica não está voltado para a formação do músico, do artista plástico, do ator ou do dançarino, eles não são capazes de explicar claramente o porquê de sua presença no currículo escola

Tal constatação é preocupante, não é mesmo? Afinal de contas, como nos dedicar a uma tarefa sem saber o porquê dessa dedicação? Esses questionamentos estão vinculados às questões do ensino em Artes e podem ser incorporadas em seu projeto de pesquisa, ajudando a aguçá-la sua criticidade, uma vez que...



[...] é preciso incorporar uma visão crítica, que questione toda forma de pensamento único, a fim de que os alunos entendam que as produções artísticas e suas interpretações não são inocentes e objetivas, mas interessadas, e que estão amparadas em realidades que acolhem e veiculam diferentes visões de mundo. (ALMEIDA, 1999, p. 16).

Imagem 36: Disponível em <http://zelmar.blogspot.com.br/2012/01/o-cerebro-e-como-um-musculo.html>

Acesso em 01/06/2013

Dentro do contexto que contempla a formação de professores para a Educação Básica, é possível que você se depare com alguns cenários que, vez ou outra (ou quase sempre) farão parte de sua rotina de professor de Artes, na Educação Básica. Exemplo? A forma acrítica como muitas práticas em Artes são concebidas. É neste tocante que seu projeto de pesquisa pode ser relevante, a ponto de contribuir com outros profissionais de sua área.

Para refletir...

Nosso foco está na elaboração de um projeto de pesquisa. Você pode (ou poderia) chegar à conclusão de que abranger questões voltadas ao ensino de Artes, nesse livro, é incorrer em precipitação ou desvirtuar o assunto. Contudo, trata-se do reconhecimento teórico da área.

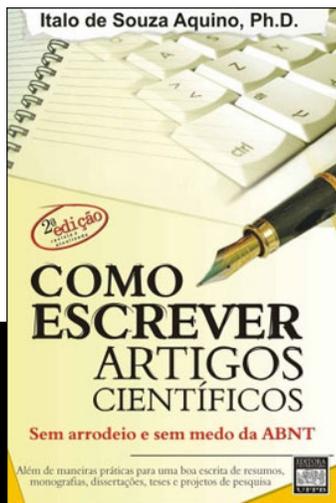
O desafio, seguindo o raciocínio de Almeida (2009)³, é saber se posicionar diante do repertório oferecido pela Arte, ou seja, é avaliar qual é a dimensão do seu trabalho para a prática docente em Artes, na Educação Básica. Esse é mais um ingrediente a ser colocado no “caldeirão de ideias” de onde você pinçará o seu projeto de pesquisa.

³ A maioria dos professores acredita que desenhar, pintar, modelar, cantar, dançar, tocar e representar é bom para os alunos, mas poucos são capazes de apresentar argumentos convincentes para responder à pergunta: “Por que essas atividades são importantes e devem ser incluídas no currículo escolar? [...] o mínimo que se espera de alguém que ensina é que saiba por que ensina!” (ALMEIDA, 2009, p. 13).

Em relação ao termo *repertório*, o mesmo é entendido por Meserani (1986, p. 17-18) como

[...] o arquivo dinâmico de experiências reais ou simbólicas de uma pessoa ou grupo social [...] tem recorrência no conceito de memória, de imaginação e, em última instância, no de conhecimento. Mas é importante ter sempre presente o aspecto dinâmico desses conceitos. Assim como repertório, a memória, a imaginação e o conhecimento não são arquivos mortos, passivos.

Definido o significado dessa palavra, há que considerarmos outro detalhe não menos importante. Pela terceira vez, no transcorrer desse livro, salientamos



que muitos acadêmicos se aborrecem com a enorme quantidade de normas técnicas a serem seguidas na elaboração de um projeto de pesquisa. Pelo menos, até certo ponto, essa é uma preocupação válida, mas com o passar do tempo, sobretudo com muita leitura, tais normas vão se incorporando naturalmente ao processo de escrita.

Imagem 37: Disponível em <http://www.martinsfontespaulista.com.br/ch/prod/320289/539/0/COMO-ESCREVER-ARTIGOS-CIENTIFICOS---SEM-ARRODEIO-E-SEM-MEDO-DA-ABNT.aspx>

Acesso em 01/06/201

Além das informações aqui dispostas, existe uma grande variedade de livros e de autores dedicados às questões normativas da escrita acadêmica. Ao lado (imagem 37) você tem uma indicação. Anote!

O verdadeiro desafio é elaborar um projeto de pesquisa que encontre, nas Artes, abordagens teórico-metodológicas à altura da importância das quatro linguagens – Música, Teatro, Artes Visuais e Dança – visando à formação e o desenvolvimento humano, por meio de uma perspectiva educacional. Para Barbosa (2010, p. 23), o que interessa, na educação, em se tratando de arte, é a crítica política e social, “[...] o desenvolvimento da consciência crítica impulsionado pelo pós-modernismo que envolveu as Artes e Culturas Visuais que faz a diferença e que incomoda o *main stream*”.

Ao se referir ao *main stream*, a autora se dirige ao discurso hegemônico, daí seu posicionamento crítico em relação ao que de fato é pertinente no ensino

de Arte e que diz respeito a questionar aquilo que está posto como modelo hegemônico, ousando contestar o que, para muitos, é incontestável. É a estética em prol da criticidade.

Na obra de arte, tudo tem uma intenção. Logo, há uma intenção em cada gesto e cor, em cada movimento e postura. Com alguma intenção, um compositor faz com que os sons graves predominem sobre os agudos, em determinada composição. É essa ação intencional do autor/artista que define seu trabalho, mesmo quando ele opta pela música aleatória ou por jogar tinta sobre a tela (MARTINS, 1998, p. 55). Ou seja, a arte carrega, em sua essência, não um, mas vários discursos, inúmeras denúncias, posicionamentos, provocações e afins, por meio de linguagens estéticas. Se partirmos da pedagogia de Paulo Freire, cujo mote foi a libertação, terá sido dado à Arte o seu devido valor na Educação Básica ou Superior.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Artes (PCNs) e as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (DCEs) são documentos que podem nos auxiliar nesse esforço de construção de um repertório teórico e que estão ao nosso alcance, por serem públicos.

4.5 PCNs x DCEs-PR



Um parâmetro ou diretriz serve para quê? Em muitas ocasiões acadêmicas tais referenciais surgirão diante de você, durante ou após a sua graduação em Arte-Educação. Isso porque os PCNs e as DCEs-PR são importantes documentos, no âmbito Federal e Estadual, respectivamente, que abordam questões ligadas a sua área de formação acadêmica.

Imagem 38: Foto acervo Márcia Cristina Cebulski

Apesar de importantes, tais documentos não devem ser entendidos como compêndios dogmáticos ou coisa do gênero, no trato das questões voltadas às Artes, mesmo porque, existem outras referências. Contudo, eles poderão servir como bibliografia básica para o seu projeto de pesquisa, pois fornecem um retrato político pedagógico construído num dado momento histórico de nosso país.

Entretanto, esses documentos não estão livres de contradições, discordâncias e de posicionamentos polêmicos. Seria possível ambos dialogarem em concordância na fundamentação teórica do seu projeto de pesquisa? Ficou com dúvida? Parte da resposta surgirá logo a seguir, mas a condição ideal para a formação de seu argumento está na leitura direta da fonte.

Aqui vai uma dica muito importante para a consolidação da pesquisa das referências bibliográficas que embasarão seu projeto de pesquisa: na literatura especializada, busque por autores em obras originais, o que é denominado “fonte primária”. É comum, porém, mas pouco (ou nada) desejável, que muitos acadêmicos se apoiem em autores que interpretam autores originais; isto é, em estudiosos que, a partir de suas leituras, estabelecem uma forma de entendimento sobre uma determinada obra ou autor – “fonte secundária”. O problema é que essa leitura é aceita, por muitos, como única.



Imagem 39: Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934)

Disponível em <https://www.marxists.org/archive/vygotsky/images/index.htm>

Acesso em 01/06/2013

No entanto, a interpretação de dada obra de um determinado autor pode se revelar frágil, uma vez que se trata de uma possível leitura, mas não a única. Por exemplo, existem inúmeros estudos sobre a obra de Vygotsky (imagem 39), notório autor russo, que estabeleceu relações entre a arte e a psicologia, na Educação. Obviamente, obras que abordam Vygotsky tem seu valor, mas entre ler uma obra original e ler um livro sobre alguém que o estudou, fique sempre com a primeira opção. O ideal é ler tudo o que for possível a respeito de um autor ou tema; entretanto, não abra mão de ler o próprio autor e não apenas autores que abordam sua obra.

Outro fator que muitas vezes torna frágil a leitura de autores estrangeiros, mesmo em obras originais, é a tradução. O trabalho do tradutor é muito delicado, pois nem todas as palavras ou expressões encontram um correspondente em outro idioma. O risco de traduzir algo, equivocadamente, é o de desvirtuar o significado das ideias propostas na obra original. Portanto, preste atenção nas editoras, bem como na confiabilidade de seus tradutores.

Voltemo-nos à pergunta que funda esse tópico: um parâmetro ou diretriz serve para quê? Em linhas gerais, serve como norteador, como algo que indica possíveis caminhos a serem trilhados.

Fortalecendo argumentos...

Os PCNs destacam “[...] os aspectos essenciais da criação e percepção estética dos alunos e o modo de tratar a apropriação de conteúdos imprescindíveis para a cultura do cidadão contemporâneo” (MEC, 1998, p. 19).

Os Parâmetros Curriculares também materializam uma intenção de gestão na Educação, já que constituem uma espécie de retrato ideológico do cenário político-partidário vigente na época da sua elaboração, porque, obviamente, foi criado por aqueles que estavam no poder.

No cenário dos anos 1990, como desdobramento da política do Plano Decenal de Educação, foi criada pelo governo de Fernando Henrique Cardoso mais uma estratégia de importação de modelos externos, com o início do processo de construção dos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais – um dos raríssimos documentos que traz uma posição política sobre o ensino na área de Artes (ALCAIDE e SILVA, 2010, p. 35). Ou seja, de acordo com alguns autores, os PCNs não são apenas um documento técnico, mas servem também para atender aos interesses de grupos articulados em torno do poder, e não necessariamente de uma coletividade organizada e embasada num bem comum.

O governo do Estado do Paraná, no transcorrer da primeira década do século XXI, por meio da Secretaria de Estado da Educação, também não mediu esforços para romper com os Parâmetros Curriculares Nacionais. As DCEs-PR destacam

[...] a importância dos conteúdos disciplinares e do professor como autor de seu plano de ensino, contrapondo-se, assim, aos modelos de organização curricular que vigoraram na década de 1990, os quais esvaziaram os conteúdos disciplinares para dar destaque aos chamados temas transversais. (SEED-PR, 2008, p. 24).

De modo que fica evidente a contraposição das DCEs-PR – elaboradas sob a égide da importância das disciplinas em detrimento da transversalidade – aos PCNs, na década em questão. O meio ambiente, por exemplo, é considerado um tema transversal, e quando os parâmetros chegaram ao cotidiano escolar,

muitas iniciativas voltadas à Educação Ambiental se apoiaram no conceito de transversalidade, novidade desde então (segunda metade da década de 1990).

Campos (2009, p. 274) também alerta que no desenho de muitas propostas educativas

[...] estão implicadas posições ideológicas que se entrecruzam com o jogo político partidário e embaralham as fronteiras entre o campo acadêmico e o campo de atuação política. Isso ocorre não só com a participação em cargos de gestão de especialistas da universidade, como também nas posições críticas sobre determinadas opções em política educacional, que por vezes assumem contornos político-partidários, oscilando ao sabor da conjuntura.

Em sua argumentação, as DCEs do Estado do Paraná – que também fazem parte de uma conjuntura política – apresentam fortes traços da ideologia marxista⁴, fortemente enraizada em grande parte do meio acadêmico brasileiro, inclinado aos movimentos de esquerda. Lembre-se sempre de que nenhuma produção acadêmica possui neutralidade científica, ou seja, é neutra ideologicamente! E de que muitas pessoas que ocupam cargos de confiança, como, por exemplo os técnicos em gestão governamental, também se dedicam à vida acadêmica. Aliás, é bom ressaltar que o que vem primeiro, para esses sujeitos, é a experiência originada pela vida acadêmica, depois a sua inserção no meio político partidário, justamente por serem pessoas com experiência acadêmica comprovada. Ou seja, na esfera educacional, as políticas públicas, mesmo pensadas e pesadas em termos técnicos, trazem consigo fortes traços ideológicos daqueles que, provisoriamente, ocupam o poder.

Então, para que ela serve ao seu projeto de pesquisa? Sejam quais forem os documentos que venham a fundamentar o seu trabalho, faz-se necessário conhecer o teor ideológico dos mesmos, isto é, como as ideias se concatenam a serviço de alguém ou para alguém. Essa é uma forma válida de avaliar o que motiva determinado movimento de ideias e conceitos, suas origens, contraposições e contradições.



Imagem 40: Disponível em <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1>

Acesso em 01/06/2013

4 De acordo com a visão marxista, a arte é uma práxis criadora e livre, um modo de representar, de expressar, de construir e de transformar o homem. A arte educa, pois traz no seu bojo, representações das ações humanas que, por sua vez, são impulsionadas pela consciência formada no âmbito social e cultural.

Por exemplo, para as DCEs-PR (2009, p.46), as

[...] diferentes formas de pensar a Arte e o seu ensino são constituídas nas relações socioculturais, econômicas e políticas do momento histórico em que se desenvolveram. Nesse sentido, as diversas teorias sobre a arte estabelecem referências sobre sua função social, tais como: da arte poder servir à ética, à política, à religião, à ideologia; ser utilitária ou mágica; transformar-se em mercadoria ou simplesmente proporcionar prazer.

Tais posicionamentos, no período histórico correspondente à efetivação das DCEs-PR (2003-2010), são marxistas e isso não poderia ser diferente, haja vista sua clara oposição aos governos neoliberais (Federal e Estadual) que os antecederam. É óbvio que, de alguma maneira, um grupo que passou de oposição ao governo à situação, precisava estar calcado em outros paradigmas. Foi o que aconteceu com a SEED-PR, ao negar os PCNs, e assumir, nas DCEs-PR, veementemente a relevância da inclusão das artes no currículo da Educação Básica. Em sua fundamentação teórica, o documento defende a ideia de que a “[...] arte é uma práxis criadora; é um fazer pensado e um pensamento feito, concretizado, isto é, um produto resultante do movimento dialético ação/pensamento/ação que se concretiza em objetos artísticos”. (SEED-PR, 2009, p. 51).

Mesmo apresentando diferenças políticas e de base epistemológica, tanto os PCNs quanto as DCEs constituem importantes fontes de consulta para projetos de pesquisa em Artes. Além disso, são leituras interessantes, sobretudo se tivermos em mente o fato de que, no âmbito municipal, é raro encontrarmos um documento com esse teor, já que a maioria dos municípios paranaenses não possui diretrizes próprias para o ensino de arte, embora elas possam ser encontradas em instruções normativas, projetos políticos pedagógicos e demais documentos de curta duração.

Curta duração? Isso mesmo! A maioria dos Programas e Projetos municipais de Educação não é contínuo, devido às trocas de gestão de quatro em quatro anos, o que obriga, muitas vezes, os profissionais da Educação a seguirem tendências paliativas e sem bases consolidadas, ao desenvolverem projetos de cunho pedagógico que deveriam apartidários e de longo prazo. No âmbito estadual, as DCEs-PR são tidas como um documento supostamente imune às mudanças de governo, mas será que elas vão permanecer com esse *status*?

É importante ressaltar que, em um projeto de pesquisa em artes, não é necessariamente obrigatório utilizarmos os conceitos teóricos propostos pelos

PCNs e pelas DCEs-PR, embora seja de bom tom que uma pesquisa voltada à Educação Básica esteja apoiada neles, mesmo em situações de contraposição.

A depender de como a leitura se desenrola, o cotejamento de distintos referenciais pode render um bom projeto de pesquisa, e desde que seu orientador (ou orientadora) esteja de acordo, seu trabalho pode ter como base a análise documental. Afinal de contas, nem todas as pesquisas em Educação (e nas demais áreas do conhecimento) são realizadas a partir de trabalhos empíricos ou da observação *in loco*. Ou seja, muitas contribuições acadêmicas têm origem na análise documental cujo pressuposto essencial é a leitura pormenorizada do referencial bibliográfico.

4.6 Linguagens dialógicas

Na Unicentro, o curso de Arte-Educação privilegia o diálogo entre as linguagens artísticas. Mesmo sem nos aprofundarmos na questão, você consegue estabelecer conexões entre o Teatro e a Música ou entre as Artes Plásticas e a Dança?

Várias são as combinações possíveis, entre pelo menos, duas linguagens artísticas. Excessos à parte, numa mesma iniciativa, é possível trazer à cena todas elas, pois não há porque não acreditar no diálogo. Entretanto, estamos tão condicionados ao cartesianismo⁵ fragmentador da ciência, que de certa forma, transportamos isso às Artes, mas aquela ideia popular de “cada um no seu quadrado” não combina com os pressupostos do curso de Arte-Educação.

Qual é a sua percepção sobre isso?

Para Martins (1998, p. 117), a percepção é

[...] a fusão entre pensamento e sentimento que nos possibilita significar o mundo. Assim, o ser humano é a soma de suas percepções singulares, únicas. O estar atento ao mundo é um constante despertar. O homem percebe quando se torna consciente de suas próprias impressões.

5 Doutrina de René Descartes (1596-1650) – filósofo, físico e matemático francês – e de seus seguidores, considerada a precursora da filosofia moderna. Era caracterizada pelo racionalismo, pela razão dubitativa, pelo ato de pensar, pelo cogito e pela dualidade metafísica. Disponível em <http://aulete.uol.com.br/nossoaulete/cartesianismo>. Acesso em 06/06/2013.

Fica a dica...

Um levantamento sobre os municípios que compõem a região Centro-Sul do Paraná e cujas Secretarias de Educação possuem documentos norteadores para o ensino de Artes na esfera municipal poderá render ideias para o seu projeto de pesquisa. Mas será que existem documentos que formalizam a prática docente?

O que de fato nos interessa, neste ponto do trabalho, é vincularmos as linguagens estéticas ao contexto educacional. Dentro das possibilidades potencialmente viáveis para a elaboração do seu projeto de pesquisa, as DCEs-PR trazem uma importante contribuição, ao afirmarem que o

Imagem 41: Disponível em <http://desireemelo-designgrafico.blogspot.com.br/2012/05/cartaz-ix-simposio-de-arte-educacao.html>

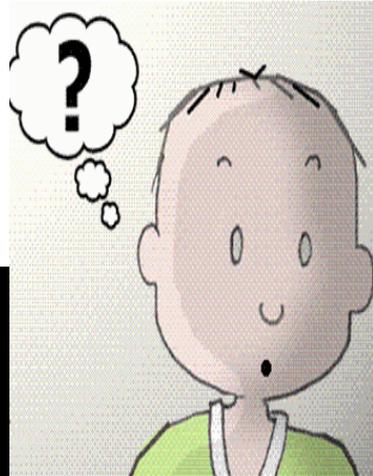
Acesso em 01/06/2013



[...] cinema, televisão, videoclipe e outros são formas artísticas, constituídas pelas quatro áreas de Arte, onde a imagem tem uma referência fundamental, compostas por imagens bidimensionais e tridimensionais. Por isso, sugere-se que a prática pedagógica parta da análise e produção de trabalhos artísticos relacionados a conteúdos de composição em Artes Visuais [...] (SEED-PR, 2009, p. 72).

Você está nessa encruzilhada, mas o intento deste livro é compartilhar possibilidades para melhor iluminar o seu caminho. Nesse sentido, é interessante pensar que, “ciência e arte são, assim, produtos que expressam as experiências e representações imaginárias das distintas culturas, que se renovam através dos tempos, construindo o percurso da história humana” (PCN, 1998, p. 31). Portanto, o ato de pesquisar insere-se num paradigma de renovação (de ideias, de visões, de mentalidades, etc.), e o projeto de pesquisa é uma forma de representação que se conecta com o conhecimento.

Desse modo, por mais que seu fluxo temporal atenda ao passado, ele surge pelas mãos de quem está no presente, a partir de uma perspectiva futura. Isto é, a razão de ser do pesquisador está na obtenção de resultados fundados na expectativa gerada por um problema de pesquisa, na elaboração consistente dos objetivos e da justificativa. Enfim, o ato de pesquisar mira o futuro, daí a ideia de construir nosso percurso na história. O percurso é o fluxo temporal (passado-presente-futuro). Do contrário, estaríamos presos ao passado e o ensino de Artes teria caminhado com o nosso tempo? Somos sujeitos de qual tempo?



É a expectativa futura que nos move ou estamos vivendo apenas de tradições? Essas indagações não podem ser encerradas logo após essa leitura, pois o exercício permanente da crítica será essencial em sua futura carreira profissional. Portanto, esteja atento (a) a inúmeros detalhes.

Imagem 42: Disponível em <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=23345>

Acesso em 01/06/2013

Freitas e Teixeira (2010, p.114) salientam que

[...] os conhecimentos produzidos em artes possuem uma amplitude de valores que não podem ser homogeneizados ou padronizados em patamares estáveis e regulares [...]. As leituras são múltiplas porque as linguagens também o são.

Esses dizeres abordam exatamente o ponto ao qual queremos chegar. Até o presente momento (e assim foi por todo o livro), por diversas vezes, nos dirigimos a você por meio de questionamentos. Provocar a reflexão do leitor ou leitora é efetivar, de fato, uma relação dialógica durante a leitura, todavia, como as autoras citadas apontam, não esperamos que todos tenham o mesmo tipo de reflexão ao serem estimulados pelas questões postas.

Além de abordar questões pertinentes ao trabalho acadêmico, esta obra entende como essencial, trazer à luz possibilidades que, no mínimo, inspirem sua trajetória que culminará na sua graduação. Note que são diversas lacunas a serem preenchidas na construção do seu projeto e podemos pensar nesse “preenchimento” como uma sistematização.

Em linhas gerais, sistematizar ideias de pesquisa significa estabelecer conexões coerentes entre aquilo que desejamos e o que é possível construir. Essa tarefa não é simples, uma vez que, muitas vezes, o ímpeto que move a vontade de concretizar a pesquisa é estancado por diversos motivos alheios aos nossos interesses, alguns deles listados em capítulos anteriores.

4.7 Possíveis objetos de estudo na pesquisa em Artes

Vamos partir do princípio de que uma pesquisa em artes, atrelada à Educação, somente legará grandes contribuições à comunidade científica se for capaz de envolver, em seu escopo, o paradigma da integração entre as diversas linguagens artísticas. Para além de uma crença, tal esforço notabiliza a indiscutível capacidade dialógica que os diversos modos de expressão estéticos possuem, em sua essência, ao agregarem processos criativos, movimento, ludicidade, corporeidade, senso-crítico e estético.

Atualmente, é importante que os pesquisadores se fundamentem em estudos que traçam e reconheçam as características inerentes à Arte. Nesse sentido, Ferraro e Nardin (2009, p. 203) afirmam que, no século XXI, existe:

a tendência para uma apropriação reciclada em detrimento de uma criação original única; a mistura eclética de estilos; a adesão a novas tecnologias; a cultura de massa e as construções visuais/estruturais vistas em ruas, bares, etc., tomadas como referências; desafio às noções modernistas de autonomia estética e pureza artística; a ênfase na localização espacial e temporal mais do que no universal e no eterno; os inventários, a memória individual e coletiva de objetos e espaços arquitetônicos e naturais.

Como forma de ampliar o entendimento de cada um desses tópicos, eles serão analisados/interpretados, a seguir, mas atenção: Eles poderão servir de referência à temática abordada em seu projeto de pesquisa, contudo não devem ser entendidos como uma “única receita pronta”.

a) A tendência para uma apropriação reciclada em detrimento de uma criação original única

Neste ponto, o esforço será pela busca de referências, melhor dizendo, pela transposição das mesmas. Em pleno século XXI, soa pretensiosa a ideia de “criação original única”. Será que existe, no mundo, algum tipo de criação, em

qualquer área, que não “beba” em outras fontes? Entendemos como “apropriação reciclada”, o aproveitamento do que já está estabelecido, num movimento dialético que dará origem ao novo (não mera imitação). Na verdade, significa entender a arte como algo que inova, a partir da renovação.

b) A mistura eclética de estilos

Há linguagens distintas que se combinam? Por várias vezes, no transcorrer deste livro, enfatizamos que as linguagens artísticas devem dialogar entre si, para que dessa relação, originem-se objetos de estudos compatíveis ao que se deseja na formação e desenvolvimento humano. Ou seja, misturar ecleticamente estilos atrela-se ao ideal perseguido por muitos professores e pesquisadores em Artes, pois é uma forma de superar visões elitistas e fragmentárias. Celebrar a mistura aproxima-se vertiginosamente das nossas raízes étnico-culturais, e sendo assim, por que não empregar o mesmo esforço em nossa área de conhecimento?

c) A adesão às novas tecnologias

Todo cuidado é pouco nesse item! E não estamos nos referindo ao receio que muitos (as) professores (as) de todas as modalidades de ensino apresentam quando se deparam com o tema “novas tecnologias”. Há quem as demonize e há também quem acredite que elas substituirão os professores. Há ainda, aqueles que embarcam cegamente nas novidades tecnológicas, a ponto de torná-las indispensáveis em qualquer tarefa. O cuidado a ser tomado não é o de se afastar das novas tecnologias, mas de nos apropriarmos proativamente delas, a começar pelos questionamentos: o que é uma nova tecnologia? Que autores da Arte e da Educação lidam com esse tema?

Do contrário, corremos o risco de adentrar numa ciranda de consumo, pois o que não faltam, são lançamentos de artefatos tecnológicos. Uma dica importante é aprender a desconstruir o discurso tecnológico, a partir da visão de quem o fabrica, isto é, refletir sobre as reais intenções mercadológicas intrínsecas a um dado equipamento.

d) A cultura de massa e as construções visuais/estruturais vistas em ruas, bares, etc., tomadas como referências

Diz respeito à aproximação daquilo que é, de fato, palpável nas artes visuais, em nosso cotidiano. É a arte em movimento e ao alcance dos nossos

olhos. Uma opção para lançarmos nossos olhares estéticos para os locais onde mais costumamos estar é a nossa própria cidade. Tais referências ampliam nosso repertório de possibilidades nas artes visuais, limitadas, na maioria das vezes, às exposições ou instalações em galerias de arte ou museus. Ousaríamos dizer que, tomar como referência elementos da paisagem urbana é um ato democrático, pois amplia nosso acesso às artes e sensibiliza nosso olhar.

e) Desafio às noções modernistas de autonomia estética e pureza artística

Mais uma vez, a ocorrência de possíveis discursos hegemônicos paira no ar. Vamos raciocinar: quando nos colocamos num desafio, é no mínimo, para não nos submetermos ao que está posto como consagrado. É comum muitos adentrarem numa instalação contemporânea de artes visuais e questionarem se aquilo é arte? Parte considerável dessa mentalidade pode ser atribuída à ideia que povoa o imaginário da coletividade há décadas: uma pintura da Renascença é arte, pois apresenta, aos olhos leigos, uma pureza artística canônica. Ao contrário, uma tela que ilustra uma profusão de cores sem uma forma estabelecida é qualquer coisa, menos arte. Será?

f) A ênfase na localização espacial e temporal mais do que no universal e no eterno

Como somos sujeitos históricos, não estamos livres da influência direta ou indireta do tempo e do meio no qual estamos inseridos. Somos, portanto, incapazes de superar a atemporalidade, pelo menos em termos biológicos. O que é considerado “clássico” na Arte, advém de um ideal hegemônico e geralmente é esse o modelo adotado para ensinar artes nas escolas.

Além disso, os artistas precisam passar pelo crivo da crítica, pelas chamadas instâncias de legitimação. Assim sendo, pensar numa arte universal é reduzir uma importante qualidade humana – a subjetividade. Há pessoas que apreciam mais a música, e outras, o teatro. Quando pensamos em artes visuais, por exemplo, quantos pintores do século XXI vêm a nossa cabeça? Para muitos, nenhum! É fácil lembrar de artistas de outras épocas, como Leonardo da Vinci ou Pablo Picasso. A ideia do universal e eterno pode ser uma armadilha, algo que nos coloca à margem da produção artística do nosso tempo, colocando à prova a subjetividade humana.

g) Os inventários, a memória individual e coletiva de objetos e espaços arquitetônicos e naturais

Uma música, uma peça de teatro, uma pintura ou dança não se encerram em si mesmos, mas carregam, intimamente, a trajetória e as contribuições de muitas pessoas. Conhecer as raízes da produção artística, suas nuances e a biografia de um dado autor são atitudes plausíveis de estarem postas numa perspectiva educacional. Isso porque, ao lidar com a memória, estamos aproximando as artes da história, ou seja, é um esforço interdisciplinar condizente com a função dos professores de qualquer área. Tal aprofundamento é o que pode garantir ou pelo menos suavizar o contato dos estudantes com as linguagens artísticas, e uma forma de neutralizar a questão “isso é arte?”, uma vez que estará dotando o sujeito de saberes que tornarão determinada obra inteligível.

No intuito de estabelecer possíveis conexões com seu futuro projeto de pesquisa, vale a pena investir numa reflexão – a ética na pesquisa em Artes – tema que será abordado no próximo capítulo.

CAPÍTULO V

5.1 A ética na pesquisa em Artes

No capítulo anterior, foram tratadas questões relacionadas à boa ou à má qualidade de um projeto de pesquisa, e foi trazida à tona a confrontação de dois referenciais considerados, neste livro, como relevantes - PCNs x DCEs -, embora adotem concepções diferenciadas acerca do ensino de arte. Também evidenciamos a natureza integradora do curso de Arte-Educação, com vistas a estabelecer relações dialógicas entre linguagens artísticas, de maneira a situar o pesquisador ou pesquisadora como sujeitos de seu tempo, a serviço da Educação. Para encerrar o capítulo, abrimos uma lacuna que, a partir de agora, tentaremos preencher, qual seja, a ética na pesquisa em Artes. Vamos às considerações?

Tudo muito bem, tudo muito bom
Não importa a ética
Impera a estética
Degradação moral e ambiental
Corpos sarados, mundo animal [...]

(Trecho da canção “Mundo em Confusão”. Autor: Lulu Gerhard, Tribo de Jah)

No mundo ocidental, o belo tornou-se um ícone de consumo, e assim como em outras épocas, padrões de beleza e de comportamento agem de forma determinante. Integramos uma sociedade hedonista⁶, e não estamos à margem dessa condição, pois somos empurrados diariamente à necessidade de consumo e de prazer desmedidos.



Imagem 43: Disponível em <http://www.canalkids.com.br/bankids/capitalismo.htm>

Acesso em 01/06/2013

Conforme Imbert (2002, p. 27-28):

A ética abre o que tende a ser fechado e a se definir. Ela interpela o sujeito como processo inacabado de desimpedimento. Ela desprende um espaço para fora de qualquer espaço, um espaço desenclausurado. É a autonomia que se inscreve na temporalidade humana, implicando em dados psicológicos e sócio-culturais.

No trecho acima, o autor parece nos convidar a refletir sobre um ponto de vista muito interessante, pois aponta para a ideia de que a ética é regida por uma autonomia, de que é atemporal, ou seja, de que não existe a “ética padrão”. Ser ético não implica, no entanto, estar impregnado por uma verdade absoluta, mas estar apto para desvelar modelos apresentados como uma espécie de *modus operandi*, isto é, como algo a ser seguido por ser consagrado ou canonizado pelo coletivo. Há que se questionar!

⁶ De acordo com o dicionário Aurélio, “hedonismo” é uma “Doutrina moral que considera ser o prazer a finalidade da vida. Logo, há pessoas que professam naturalmente o hedonismo; O termo hedonismo vem de uma palavra grega que significa prazer. Na Grécia antiga, epicuristas e cirenaicos baseavam suas teorias éticas na ideia de que o prazer é o maior bem. Os primeiros acreditavam que os homens devem buscar os prazeres da mente e não os prazeres do corpo, e que o sábio evita os prazeres que mais tarde podem lhe causar dor”. Disponível em <http://www.dicionariodoaurelio.com/Hedonismo.html>. Acesso em 28/07/13.

E por falar nisso, na Educação, quando lutamos por inclusão social, em qual sociedade queremos nos incluir? Em uma sociedade utópica a ser construída ou em outra mais concreta, regida pelo consumo e pela vaidade?

Novamente, trata-se de questões retóricas e de pontos de vista que, muitas vezes, não nos permitimos ou não somos capazes de alcançar, sobretudo, pela aceitação de discursos hegemônicos. Ou seja, muitos são os profissionais da Educação que lutam pela inclusão. Contudo, aonde queremos nos incluir?



Imagem 44: Renato Russo. Disponível em <http://www.lastfm.com.br/music/Renato+Russo/+images/29670859>

Acesso em 01/06/2013

Parafraseando Renato Russo (imagem 44), e se dermos espelhos para essa sociedade narcisista, o que veremos? Ouça a última estrofe da canção “Índios”, da Legião Urbana e pense em uma possível resposta.

Pois bem, daí a referência ao tema ética. Trata-se de um princípio essencial na carreira do professor ou do pesquisador atento às questões educacionais em Artes ou nas demais áreas do conhecimento. A letra da música da Tribo de *Jah*, banda de São Luís do Maranhão, não surgiu acidentalmente e constitui um bom exemplo de como, no mundo de hoje, sobressai a estética consumista em detrimento da ética.

Além de serem palavras que rimam, há entre elas, possibilidades de diálogo? Você já havia parado para pensar que a relação entre elas pode contribuir para o desenvolvimento do seu projeto de pesquisa?

De acordo com os PCNs, abordar a “[...] ética no ensino e aprendizagem de Arte é, sobretudo, tratar da relação entre ética e estética. O conhecimento estético dos alunos e professores desenvolve-se em um complexo processo de elaboração no qual estão presentes as experiências pessoais fundamentadas na vida cultural; o desenvolvimento desse processo contribui para as práticas artísticas e vão muito além delas [...]” (MEC, 1998, p. 38).

Diante desses argumentos, cabe aqui um alerta importante àqueles que pretendem desenvolver um projeto de pesquisa em Artes, em escolas ou em demais ambientes de aprendizagem não formais. Interessa repercutir, em termos educacionais, uma estética que privilegia o consumo?

Vamos pensar juntos na dança e na música, mais uma vez, hipoteticamente. Essas linguagens, frequentemente, estão presentes em ambientes de aprendizagem. Infelizmente, ao lançarmos um olhar mais crítico, podemos perceber que elas



servem de vetores para a indústria cultural se estabelecer nas escolas que, em tese, deveriam ofertar modelos diferenciados, justamente para que os estudantes tenham a oportunidade de conhecer manifestações que não estejam no rol hegemônico-midiático e consumista.

Imagem 45: Disponível em <http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/78/conhecendo-a-venda-saber-e-uma-atribuicao-adquirida-pelo-277263-1.asp>

Acesso em 01/06/2013

Para efetivar esse raciocínio, é relevante trazer à tona o conceito de indústria cultural, proposto por Adorno e Horkheimer, que denunciaram que o produto cultural perde seu sentido, isto é, deixa de ser arte ou cultura e passa ter um valor de barganha, numa sociedade em que as relações sociais são reduzidas à troca de mercadorias. De acordo com Santana Neto (2012, p. 45), como “[...] se atendessem a valores capitalistas ligados à produção em série, típica da era industrial, o produto cultural perde sua característica peculiar – sua unicidade”.

Para as DCEs-Pr (2009, p. 70), ao trabalharmos “[...] com os produtos da indústria cultural, é importante perceber os mecanismos de padronização excessiva dos bens culturais, da homogeneização do gosto e da ampliação do consumo”.

Ao ilustrar o conceito de indústria cultural⁷, não pretendemos aquecer a discussão sobre a sua influência na alienação da sociedade. A centelha provocativa, aos que já estão engajados em práticas de ensino, diz respeito à problemática: na Educação, as Artes servem para legitimar o consumo do que é vendido como Arte? Que tipo de música ou dança⁸ são apresentados em datas comemorativas e em

7 Para a indústria cultural é de pouca importância a qualidade dos produtos, pois é a uma quantidade cada vez maior de público que se propõe a atingir, tendo por objetivo principal a obtenção do lucro das vendas dessa mercadoria. (DCEs-PR, 2009, p. 59).

8 Conforme Strazzacappa (2009, p. 49), “quando se pensa na introdução da linguagem da dança como conteúdo do ensino de arte na escola, milhares de imagens começam a povoar nossas mentes. Afinal, de que dança estamos falando? Seria a dança clássica? Seriam as danças regionais? O samba? Essa dúvida não é apenas dos educadores, mas dos próprios alunos. É interessante observar que, se, há alguns anos, a primeira imagem que vinha à mente desses jovens era a figura da bailarina clássica com sua saia de tule e nas pontas dos pés, hoje [...] ela está sendo substituída por outras, trazidas pela mídia”.

atividades de final de ano letivo ou em outros eventos que envolvem a escola e projetos coordenados pelos professores ou professoras de Arte?

Você pode chegar à conclusão de que não há nada de mais em ensinar as crianças a “descerem na boquinha da garrafa” ou a “fazerem o quadrado de oito”, porque entende que a utilização de uma dança da moda vai ao encontro daquilo que os estudantes desejam. Você ainda pode optar por utilizá-las numa perspectiva de processo inverso, isto é, engajando-se em um processo de desconstrução dos processos hegemônicos. No entanto, a pergunta a ser feita diz respeito ao critério de escolha – a escola deve reproduzir a moda ou oferecer opções diferenciadas, para que os estudantes possam conhecer modelos distintos ao que é veiculado pelos meios de comunicação de massa? Para Almeida (2009, p. 22):

[...] um dos mais importantes objetivos da educação é contribuir para o desenvolvimento da autonomia, ajudar os alunos a se tornarem moral e intelectualmente livres, aptos a pensar e agir de forma independente. Nesse campo, a contribuição das artes poderia ser grande, já que elas, mais do que qualquer outro componente curricular, deveriam incentivar os alunos a uma produção que não dependesse de modelos.

Para quem tem a curiosidade aguçada...

Documentos como os PCNs e as DCEs trazem, em seu conteúdo, um levantamento histórico a respeito da trajetória das Artes na Educação Brasileira. Você já tomou ciência dos modelos educacionais já colocados em prática em sua futura profissão?

O desafio apresentado aos profissionais de Arte que optam pela coreografia da “Galinha Pintadinha” ou coisa do gênero é o mesmo de quem escolhe uma forma de dança ou de música não veiculada pelos meios de comunicação de massa. Mas em que está fundamentada essa prática? Pillotto e Schimidlin (2010, p. 113) afirmam que:

[...] ao colocar a arte no contexto da educação temos diversas linhas conceituais que regulam ações e finalidades no espaço escolar. O que vemos é a existência de um lado daquilo que as crianças dizem ao fazer arte e de outro aquilo que o professor quer dizer quando ensina arte. Paradoxos que persistem no cotidiano de muitos professores.

Afirmações como essa geram perguntas de difícil resposta e fazem parte de um exercício permanente de reflexão a ser feito pelo professor de arte na Educação

Básica ou por aqueles que ainda estão em formação. Mais uma vez recai sobre nós a necessidade de sabermos realmente o que queremos e o que estamos fazendo para concretizar nosso querer. Em quem ou em que estamos fundamentando a nossa pesquisa?

Instigar essa indagação é, sem dúvida, um dos principais intuítos desta obra. Não se assuste com a persistência. Ela faz com que você seja constantemente lembrado da sua missão, considerada, por muitos, como nobre. Contudo, o caminho da nobreza é árduo e pode ser visto, por outros, como trabalho tão importante



como qualquer outra função. Entretanto, nem todo o trabalho lida tanto com pessoas quanto o magistério e isso não é mistério!

Imagem 46: Disponível em <http://www.designmaniaa.com.br/siteNovo/visualizaProduto.php?id=1730>

Acesso em 01/06/2013

Além disso, poucos são os trabalhos que colocam em evidência, para a sociedade, as suas funções, os seus acertos e equívocos. Num leque amplo de atividades humanas, ser professor enquadra-se no rol das funções mais desafiadoras e, provavelmente, é o desafio que o move nessa jornada rumo à graduação em Arte-Educação.

Perceba como o seu projeto de pesquisa é muito mais importante do que você mensurou, ainda nas suas primeiras reflexões a esse respeito. Nesse sentido, a repetição de algumas questões, no transcorrer deste livro, não é mero acaso, mas servem para manter o foco. Não é para desistir da missão!!!! Pelo contrário, a cada dia que passa, você deve estar cada vez mais convicto daquilo que você deseja para sua carreira profissional. Nossa perspectiva é futura, ou seja, estabelecer uma trajetória para o ensino e a pesquisa em artes, mirando o amanhã, ou seja, a sua condição de futuro (a) professor (a). Assim como Perissé (2009, p. 41-2), entendemos que:

[...] a formação estética contribui para a vida intelectual e profissional do professor. Formar-se é entrar em contato com valores de toda ordem. Especificamente, o contato com valores estéticos (e também com informações, dados, terminologia estética...) deve ser ocasião para vislumbrarmos projeto de vida humanizadores.

Seu projeto de pesquisa não se encerra nele mesmo. Ele pode ter vida própria, inspirando não apenas a sua caminhada, mas influenciando a de outros colegas. Os vários movimentos proporcionados pela estética da arte, os encontros e desencontros das linguagens artísticas sugerem o que vislumbramos como pesquisadores: o dinamismo. Em termos de prática docente, sobre o objeto de estudo que você pode estar focalizando em seu projeto de pesquisa, Martins (1998, p. 140), apontando um horizonte que diz respeito à dinâmica atribuída ao ensino das artes, afirma que:

[...] com a preocupação de ampliar referências, o educador precisa ter clareza sobre algumas questões básicas. Quais imagens ou obras – visuais, sonoras, gestuais – trazer para os aprendizes? Quando mostrá-las? Como? Por quê? Os aprendizes também não podem selecionar imagens ou obras que gostariam de compartilhar?

Pensando em referências, o seu projeto de pesquisa pode se tornar uma fonte de pesquisa para outros pesquisadores e vislumbrar esse objetivo nada tem a ver com um sonho distante. É nisso que o pesquisador emprega seu trabalho e suas leituras, faz suas inferências, ponderações e motivações.



E qual é origem da nossa motivação? Qual é o combustível que nos movimenta para frente? O que nos motiva é a Arte. No entanto, é fácil mensurar até que ponto ela nos revigora?

Imagem 47: Disponível em <http://revistagestaoenegocios.uol.com.br/gestao-motivacao/23/artigo178829-1.asp>

Acesso em 01/06/2013

Fischer (1976, p. 12) também coloca mais alguns pontos de interrogação:

[...] por que nossa própria existência não nos basta? Por que esse desejo de completar a nossa vida incompleta através de outras figuras e de outras formas? Por que, da penumbra do auditório, fixamos nosso olhar admirado em um palco iluminado, onde acontece algo que é fictício e que tão completamente absorve nossa atenção?

São questões muito subjetivas, não é mesmo? Mas não se preocupe caso a resposta não esteja na ponta da língua. Não é necessário! A busca por respostas nos remete aos nossos próprios projetos de vida, incluindo a carreira acadêmica. Não é por acaso que um pesquisador elege um problema de pesquisa. Muitos são levados por inquietações que antecedem suas próprias vidas acadêmicas, motivados por eventos ocorridos em situações familiares, algumas traumáticas e outras epifânicas. Ou seja, os problemas de pesquisa de inúmeros pesquisadores lhes acompanham durante a vida toda.

Obviamente, nem todos se encaixam nesse perfil e generalizações sempre são suspeitas. Um projeto de pesquisa não nasce exclusivamente de

um evento impregnado no coração de alguém. Na verdade, essa é mais uma faceta que nos revela a essência do ser sensível.



Imagem 48: Disponível em <http://jorgetyffany.blogspot.com.br/2010/06/uniplac-universidade-do-planalto.html>

Acesso em 01/06/2013

Um problema de pesquisa pode nascer da sensibilidade do olhar crítico do pesquisador, da atenção aos pequenos detalhes que, muitas vezes, não são captados pela maioria das pessoas, e como não poderia ser diferente, traz em si, a ética como componente essencial de sua construção.

Para refletir

Até o presente o momento, algum assunto lhe chamou mais atenção? Quem sabe você já tenha em mente o que investigar, no entanto, ainda não se deu conta disso. Então, o que lhe mais chamou atenção?

CAPÍTULO VI

O capítulo anterior centrou-se no conceito de ética – componente indispensável num trabalho de pesquisa – e trouxe muitos questionamentos, dirigidos a você, estudante do curso de Arte-Educação. Esperamos que essas questões possam ser respondidas a partir do seu entendimento deste livro, bem como do aprendizado oportunizado pela sua graduação a distância.

Eis que chegamos ao sexto e derradeiro capítulo. Podemos comparar esse momento ao clímax de uma peça teatral, ao ápice da narrativa, momento em que a verdade será revelada e as máscaras da vilania cairão!

O som aumenta, as cortinas se abrem, a luz clareia e o coração acelera.

Não precisamos, na verdade, imprimir tanta dramaticidade ao nosso estudo, mas é conveniente parabenizá-lo pelo seu esforço e por ter chegado até aqui, incólume. Esperamos que a leitura, até o quinto capítulo, tenha rendido

boas ideias, esclarecido outras e por que não, fomentado algumas tantas dúvidas. Sim, é a dúvida que nos move, ou especificamente, em seu caso, um problema de pesquisa! Ele é o motor que movimenta/motiva/inspira/transpira uma perspectiva futura.

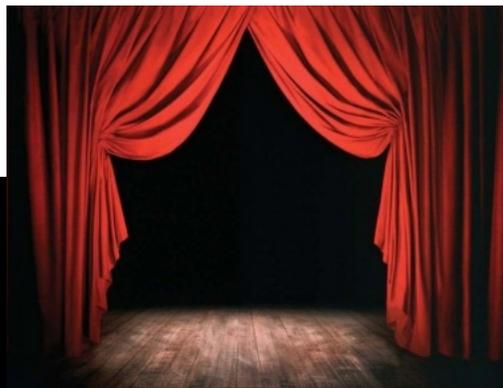


Imagem 49: Disponível em http://www.sescto.com.br/index.php?option=guia_cultural&id=957

Acesso em 02/06/2013

Esse capítulo que se descortina é essencial, pois ilustra como seu artigo será desenvolvido. De acordo com Kooche (1997, p. 149):

[...] o objetivo principal de um artigo científico consiste em ser uma maneira rápida e sucinta de divulgar a dúvida investigada, o referencial teórico utilizado (as teorias que serviram de base para orientar a pesquisa), a metodologia empregada, os resultados alcançados e as principais dificuldades encontradas no processo de pesquisa.

Salvador (1986, p. 24) afirma que, “os artigos científicos, que constituem a parte principal de revistas, são trabalhos científicos completos em si mesmos, mas de dimensão reduzida, já que não possuem matéria suficiente para um livro”. Enfim, a pretensão deste capítulo é servir de modelo para a sua produção final, isto é, para o material que culminará na materialização de suas ideias, obviamente, compartilhadas com seu orientador ou sua orientadora e demais colegas de cotidiano e, até mesmo, com familiares.

Isso mesmo! É deveras saudável compartilhar suas ansiedades, impressões, perturbações e alegrias com as pessoas queridas do seu círculo afetivo, pois antes de ser pesquisador, você é gente. Somos todos seres humanos, passíveis de momentos de fraqueza e de revigoração, e nesses momentos, a família ou as amizades são fundamentais.

Muitos capítulos de livros têm como origem artigos e outros tantos são submetidos a publicações em revistas científicas especializadas, as quais têm demasiado peso no seu Currículo *Lattes*. Até mesmo um breve resumo ou uma

versão reduzida de um trabalho de pesquisa concorre à publicação ou pode ser apresentado em congressos e seminários relacionados a sua área de pesquisa. Para não ficar só no exemplo dos artigos, saiba também que muitas teses e dissertações são publicadas em forma de livro e, desde que readequadas, podem servir de referência para novos trabalhos de seus próprios autores.

Esses exemplos podem suscitar uma atitude de quem copia de si mesmo, mas não são! Um estudo gera outro. Uma pesquisa origina outra. Enfim, isso constitui uma espécie de ciclo que, constantemente, se abre e se fecha, motivado pelo surgimento de novas variáveis e de novos problemas. Em suma, uma pesquisa não se encerra em si mesma. É, de fato, “o fio da meada” para próximos trabalhos. Quem sabe um dia esse seu artigo elaborado para conclusão da disciplina de Pesquisa em Artes e que tanto lhe faz “esquentar a cabeça” hoje, não se transforme em um capítulo de uma coletânea de trabalhos acadêmicos na área em questão ou inspire sua futura dissertação de Mestrado ou tese de Doutorado ou, ainda, viabilize apresentações em encontros como o do cartaz (imagem 50)? Por que não?

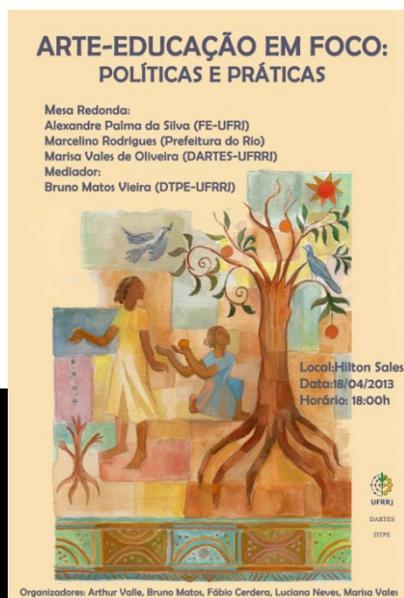


Imagem 50: Disponível em <http://revistadigitalart.blogspot.com.br/>
Acesso em 02/06/2013

6.1 O esboço do seu artigo

Um trabalho acadêmico é constituído por elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais, embora alguns desses elementos não sejam obrigatórios em todas as produções científicas. Possivelmente também, você já tenha se deparado com um artigo acadêmico e tenha concluído que seu artigo não será composto por todos esses elementos.

A título de informação, são exemplos de elementos pré-textuais: a capa, a folha de rosto, a folha de aprovação, o resumo com palavras-chave e o sumário. Também compõem esse grupo, no entanto, como itens opcionais, a dedicatória, os agradecimentos e a epígrafe. Caso sejam necessárias, as listas, geralmente de siglas ou de tabelas, também compõem os elementos pré-textuais.

Toda a sua escrita – iniciada a partir da introdução, encerrando-se nas considerações finais – faz parte dos elementos textuais. Ou seja, tais elementos são comuns à maioria dos trabalhos acadêmicos, independente de sua natureza. Atenção também deve ser dada ao tamanho da fonte e ao espaçamento entre linhas (no resumo, isso é diferenciado). No que diz respeito aos elementos pós-textuais, são obrigatórias, em qualquer produção acadêmica, as referências. Também a título de informação, são elementos pós-textuais, quando necessários: o glossário, o apêndice, os anexos e os índices.

Para não haver dúvidas, a resolução 093/2008, de 28 de agosto de 2008, aprova o regulamento do Trabalho de Pesquisa em Arte (TPA), do Curso de Arte-Educação⁹. Ele será seu guia!

6.1.2 O Resumo

No resumo, você apresentará o seu poder de síntese, ou seja, é um texto sucinto (sem parágrafos e espaçamento inicial), por meio do qual você deverá ser capaz de traduzir, em poucos caracteres, as intenções de sua pesquisa. O leitor, ao ter contato com o resumo, deverá conhecer: o tema, o problema, o objetivo geral e os objetivos específicos, a metodologia utilizada e resultados esperados do seu trabalho. É desafiador incitar, em nós mesmos, nossa capacidade de sintetizar ideias sem desvirtuá-las.

Não se esqueça também das palavras-chave – normalmente, de duas a quatro, indicadas abaixo do texto do resumo – que sinalizam quais elementos se identificam com seu objeto de estudo. Nelas, é importante constar a linha de pesquisa do seu orientador (a), desde que ela contemple seu objeto de estudo. De fato, elas são outra forma sucinta de orientar a leitura a partir dos interesses do leitor (a), que poderá, em uma base de dados, identificar temáticas que lhe interessam.

⁹ Nesse *link*, você encontrará, em formato PDF, o documento na íntegra: <http://www.unicentro.br/atos/201103251643199779.pdf>

6.1.3 A introdução

A introdução deverá agregar, sinteticamente, a sua trajetória acadêmica, destacando os motivos que o levaram a escolher seu objeto de estudo, bem como as informações que integraram seu projeto de pesquisa: o problema, os objetivos, a justificativa e a metodologia.

Mesmo sendo uma escrita introdutória (abertura ou início dos trabalhos), é realizada por último, ou seja, assim que o desenvolvimento do trabalho e as considerações finais estiverem prontas, você terá os subsídios necessários para elaborar a introdução, baseada em sua própria produção. Portanto, somente se ocupe com o texto introdutório quando o restante do seu material já estiver produzido. Essa será a sua última tarefa.

Uma dica importante é fazer a abertura do seu diálogo com o leitor. Além disso, a introdução deve ser um convite para manter o interesse de quem está lendo. Por isso, são recomendadas algumas informações que dizem respeito ao esforço pessoal empregado na produção do trabalho. É grande a possibilidade de que os (as) leitores (as) se identifiquem com o caminho por você percorrido para chegar até ali, com os obstáculos e hipóteses que o incitaram como pesquisador, bem como a vontade de realizar a pesquisa, etc.

Tente se lembrar da centelha mencionada lá no início desse livro. Lembrou? A introdução deve ser uma espécie de centelha motivadora para quem iniciou a leitura, fazê-la na íntegra, mas cuidado com a escrita! Ela precisa ser clara e objetiva. Tenha em mente que quem lerá seus escritos, talvez não o faça com as mesmas intenções que o motivaram a escrever. Conte com a ajuda do seu orientador! Isso será um bom termômetro para detectar se, realmente, o que está escrito, corresponde aos seus anseios de pesquisador, e com aquilo que realmente representa sua pesquisa.

6.1.4 A fundamentação teórica do artigo

Corresponde ao desenvolvimento do seu trabalho, à revisão bibliográfica ou fundamentação teórica. Diálogos entre autores, em forma de paráfrase, bem como suas próprias ponderações devem vir neste tópico. No que se refere à quantidade de caracteres, geralmente é a maior parte de um artigo.

Nesse item, será colocada à prova a sua capacidade de concatenar os apontamentos de diversos autores, em relação ao seu objeto de estudo, bem como

demais escolhas metodológicas. Para isso, fique atento às formas adequadas de citação, pois existem várias formas de inserirmos as vozes de outros pesquisadores em nosso trabalho, como você pode conferir no *link* citado no primeiro capítulo, quando abordamos aspectos pertinentes à ABNT. Recordou-se?

Pois bem, a maior dificuldade não são as normas técnicas, mas a forma como as citações dos os autores escolhidos por você dialogam com seu objeto de estudo. Não é um simples recortar e colar informações que, supostamente, se aproximam dos seus apontamentos. É mister que, posteriormente a cada citação *ipsis literis*, seja feito um comentário para justificar a presença e ideias daquele autor e de como elas se concatenam com a sua pesquisa, o que é denominado de paráfrase. No transcorrer deste livro, esse exercício foi repetido à exaustão. Você tinha percebido esse detalhe? Percebeu também que algumas fontes de pesquisa não eram, necessariamente, consensuais entre si? Um exemplo: os PCNs e as DCEs-PR são documentos importantes que tratam do ensino da Arte na Educação Básica, mas trazem, em seu bojo, profundas diferenças ideológicas.

Caso isso tenha passado despercebido, aproveite este exemplo e retome a leitura do trecho em que esses documentos foram abordados. Perceba nele, assim como em outros pontos, a maneira como os argumentos foram “costurados”. Você se lembra que utilizamos essa metáfora? Talvez ela não seja tão apropriada na esfera acadêmica, mas faz um grande sentido ao esforço que deverá ser empregado na fundamentação teórica do seu trabalho.

Não menos importante para o seu artigo é descrever, com riqueza de detalhes, a metodologia adotada em sua pesquisa, ou seja, anunciar os métodos e técnicas utilizados. Especificamente para as pesquisas de campo, também é fundamental proceder à descrição dos resultados, bem como discuti-los.

Ainda sobre as citações, é obrigatório respeitar o movimento do pensar do autor citado, isto é, os estudos já publicados não podem ser desvirtuados. Trabalhar com recortes é estar sujeito a uma indesejada e antiacadêmica descontextualização do pensamento do autor.

6.1.5 Considerações finais do artigo

As considerações finais apresentam dados não necessariamente conclusivos, apontamentos e demais lacunas evidenciadas pela sua pesquisa. É um apanhado do que foi levantado a partir da fundamentação teórica utilizada e dos dados empíricos, quando houver. Nesta parte, poderão mencionados futuros

encaminhamentos para as lacunas abertas pelo trabalho e, diferentemente da fundamentação teórica, é o momento em que a sua contribuição acadêmica se revelará com maior vigor, pois muitas das suas impressões, entendimentos e até mesmo futuros encaminhamentos, deverão surgir no transcorrer do texto. Em relação aos dados não conclusivos, citados a pouco, outras considerações são necessárias. Refiro-me ao caráter provisório das ciências.

A função da sua pesquisa não é detectar e validar uma verdade absoluta. Não é essa a intenção! Há que se respeitar (ou aceitar) a provisoriidade, sobretudo porque estamos tratando de objetos de estudos vinculados à Arte-Educação, área acadêmica que se traduz nas relações interpessoais, no ser sensível motivado pela produção estética humana e, ao mesmo tempo, por nós e pelos demais sujeitos. Formação e desenvolvimento humano são as razões pelas quais nos situamos no movediço e desafiador universo da Educação. Nesse sentido, as DCEs do Estado do Paraná afirmam que:

[...] a Arte ensina a desaprender os princípios das obviedades atribuídas aos objetos e às coisas, é desafiadora, expõe contradições, emoções e os sentidos de suas construções. Por isso, o ensino da Arte deve interferir e expandir os sentidos, a visão de mundo, aguçar o espírito crítico, para que o aluno possa situar-se como sujeito de sua realidade histórica. (DCEs-PR, 2009, p. 56).

Nessa esteira, Campos (2009, p. 281-282) afirma que:

[...] a pesquisa não pode fornecer respostas prontas aos sistemas de ensino. Seus resultados constituem elementos importantes a serem levados em conta nas decisões, mas não são os únicos e nem podem ser incorporados sem mediações. Em lugar de um confronto entre esses dois modos de conhecer e agir, seria mais interessante a possibilidade de um diálogo aberto, que nem sempre vai produzir consensos, mas que teria o potencial de contribuir para avanços, tanto na prática pedagógica como na própria pesquisa.

Não encontraremos, portanto, situações estáveis, a ponto de estabelecermos uma conclusão definitiva sobre algo que pesquisamos. Além disso, a maioria das pesquisas em Educação se limita a micro contextos, e aquilo que é bom para uns, pode não ter o mesmo efeito para outros. Encontrar uma solução plausível de ensino em uma escola, por exemplo, pode não surtir efeito nenhum em outro estabelecimento de ensino. Em suma, as considerações finais possuem um elevado teor reflexivo e podem abrir novas possibilidades de pesquisa.

6.1.6 Referências bibliográficas

No que diz respeito às referências bibliográficas, atenção redobrada à formatação: espaçamento entre linhas, sobrenome do autor em caixa alta (letra maiúscula), etc. A melhor forma de verificar se as suas referências bibliográficas estão dentro das normas exigidas, é conferindo o manual nas quais estão elencadas. Portanto, exercite-se!

Importantíssimo! Se uma obra está na lista, ela deverá, obrigatoriamente, aparecer no decorrer do seu texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Senhoras e senhores,

Eis que chegamos ao derradeiro momento. Fecham-se as cortinas e encerra-se o espetáculo? Nada disso! Arregace as mangas e mãos à obra! O estudo dessa disciplina apontou os fundamentos e os requisitos necessários para a concepção de um projeto de pesquisa. Sem mais delongas, alertamos que a leitura desse livro não se encerra por aqui. Sempre que necessário, na menor das dúvidas, volte-se aos estudos dos capítulos.

Trata-se de um exercício de autonomia, e se todas as dúvidas não forem esclarecidas, comunique-se, pois “a educação é comunicação, é diálogo na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1983, p. 46). Entendemos que o sucesso da Educação a Distância reside nesta afirmação de Paulo Freire, que mesmo sem se dirigir à modalidade de ensino na qual você está imerso, traduz

exatamente o que é pertinente ao perfil do estudante a distância, qual seja, de colocar-se na posição de sujeito capaz de aceitar e de entender o diálogo como componente essencial para o estabelecimento de sentido a sua formação e desenvolvimento intelectual.

Desejo a todos (as), um bom estudo e uma prazerosa e proveitosa experiência em Pesquisa em Artes.

Prof^a Marcia Cristina Cebulski
Prof. Alexandre Leocádio Santana Neto

REFERÊNCIAS

ABNT. **História da normalização brasileira** / Associação Brasileira de Normas Técnicas. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

ADORNO, T. L. W. HORKHEIMER, M. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas. In: LIMA, L. C. (Org.). **Teoria da cultura de massa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 159-204.

ALMEIDA, C. M. de C.. Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, S. (org). **O ensino das artes: Construindo caminhos/Sueli Ferreira (org.)** – Campinas, SP: Papirus, 2001, Coleção Ágere.

ALVEZ-MAZZOTTI, A. J. & GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

ARETIO, L. G. **Para uma definição de educação a distância**. Rio de Janeiro: Tecnologia Educacional, v. 16 (78/79), set/dez. 1987, p. 56-61.

AZANHA, J. M. P. **Uma ideia de pesquisa educacional**. São Paulo: Editora da USP, 1992.

BARBOSA, A. M.. Culturas Visuais. In: FREITAS, N. K. e RAMALHO E OLIVEIRA, S. R. (orgs). **Proposições interativas: arte, pesquisa e ensino/** Sandra Regina Ramalho e Oliveira. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2010.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação.** Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – História. Brasília, 1997.

BRITO, G. da S.; PURIFICAÇÃO, I. da. **Educação e novas tecnologias: um repensar.** Curitiba: IBPEX, 2006.

CAMPOS, M. M.. **Para que serve a pesquisa em educação?** Texto de palestra apresentada na abertura do 6º Colóquio de Pesquisa em Educação. PPGE/PUC, Minas Gerais: Cadernos de Pesquisa. v. 39, n.136, p.269-283, jan/abr. 2009.

CHAUÍ, M. **Os trabalhos da memória.** In: Bosi, E. Memória e sociedade: lembrança de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CUNHA, G.; MENDES A. Um universo sonoro nos envolve. In: FERREIRA, S. (org). **O ensino das artes: Construindo caminhos/Campinas/ SP: Papyrus, 2001, Coleção Ágere.**

DEMO, P. **Metodologia do Estudo Científico.** São Paulo: Atlas, 2011.

_____. **Questões para a teleducação.** Petrópolis: Vozes, 1998.

DIAZ, D.; SILVA, M. C. da R. F. da. Formação de professores de arte: um recorte Brasil e Espanha da. In: FREITAS, N. K.; RAMALHO e OLIVEIRA, S. R. (orgs). **Proposições interativas: arte, pesquisa e ensino/organizadoras Neli Klix Freitas, Sandra Regina Ramalho e Oliveira.** Florianópolis: Ed. da UDESC, 2010.

DIMENSTEIM, G. **O cidadão de papel.** 19ª ed. São Paulo: Ática Editora, 2001.

ECO, U. **Como se faz uma tese.** 23ª ed. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FERRARO, M. R.; NARDIN, H. O. Artes Visuais na contemporaneidade: marcando presença na escola. In: FERREIRA, S. (org). **O ensino das artes: Construindo caminhos.** Campinas/SP: Papyrus, 2001, Coleção Ágere.

FERREIRA, S.; SILVA, M. C. da. Faz o chão pra ela não ficar voando: o desenho na sala de aula. In: FERREIRA, S. (org). **O ensino das artes**: construindo caminhos. Campinas/SP: Papyrus, 2001, Coleção Ágere.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

IMBERT, F. **A questão da ética no campo educativo**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FORQUIN, J. **Escola e Cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. 3ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, M. *et alli*. **Instrumentos metodológicos II. Avaliação e planejamento**: a prática educativa em questão. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997.

FREITAS, N. K.; TEIXEIRA, R. M. Imagens e linguagens não-verbais no ensino inclusivo da arte. In: FREITAS, N. K.; RAMALHO E OLIVEIRA, S. R. (orgs). **Proposições interativas**: arte, pesquisa e ensino. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2010.

GARCÍA, C. M. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora, 1999.

GARCÍA, F. H.; GASPAS, D. da R. Uma aproximação dos jogos eletrônicos a partir dos estudos da cultura visual. Representações de gênero e masculinidade no âmbito escolar In: FREITAS, N. K.; RAMALHO E OLIVEIRA, S. R. (orgs). **Proposições interativas**: arte, pesquisa e ensino. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GRANGER, G. G. Para uma epistemologia do trabalho científico. In: HAMBURGER, J. (org). **A filosofia das Ciências hoje**. Lisboa: Editora Fragmentos, 1988.

IMBERT, F.. **A questão da ética no campo educativo**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

- KOOCHÉ, J. C. O artigo científico. In: KOOCHÉ, J. C. (Org). **Fundamentos de Metodologia Científica**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 149-151.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LIBÂNÉO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- LOPES, A. R. C. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- MARINA, J. A. **Teoria da inteligência criadora**. Lisboa: Caminho, 1995.
- MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer**. São Paulo: FTD, 1998.
- MARTINS, R.; TOURINHO, I. Desafios e desatinos na formação de professores pesquisadores: entre realidades, necessidades e imaginação. In: FREITAS, N. K.; RAMALHO E OLIVEIRA, S. R. (orgs). **Proposições interativas: arte, pesquisa e ensino**. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2010.
- MEDEIROS, J. B. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.
- MESERANI, S. C. O vizinho da sala ao lado. In: **Quem quiser que conta outra...** São Paulo: Secretaria da Educação, 1986.
- MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Trad. de W. Dutra. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MINAYO, M. C. de S. O Conceito de Metodologia de Pesquisa. In: _____ (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- NÓVOA, A. Formação de Professores e profissão docente. In: _____ (coord.). **Os professores e a sua formação**. 3ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- OLVEIRA, P. de S. **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo: HUCITEC/UNESP, 1998.

OLIVEIRA, S. R. e; REBOUÇAS, M. Experiências de estágio como acidentes do cotidiano: ação educativa em espaços culturais. In: FREITAS, N. K.; RAMALHO E OLIVEIRA, S. R. (orgs). **Proposições interativas: arte, pesquisa e ensino**. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2010.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Artes**. Curitiba, 2009.

PERISSÉ, G. **Estética e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

PILLOTO, S. S. D.; SCHMIDLIN, E. Arte e Experiência: por uma infância da educação. In: FREITAS, N. K.; RAMALHO E OLIVEIRA, S. R. **Proposições interativas: arte, pesquisa e ensino**. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2010.

SÁ, R. A. de. **Educação à distância: estudo exploratório e analítico de curso de graduação na área de formação de professores**. Campinas, 2007, [s.n.]. Tese de Doutorado.

SALVADOR, Â. D. Modalidades de trabalhos científicos. In: _____. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica**. Porto Alegre: Sulina, 1986. p. 11-40.

SANTANA NETO, A. L. **A formação continuada para o uso da TV multimídia: o olhar dos professores de história do litoral paranaense**. Curitiba, 2012, 103f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C.F.; LUCIO, P.B. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SCHMIDT, L. M. Para além das dificuldades cotidianas: o desafio da educação estética a partir de situações concretas em sala de aula. In: ZANELLA, A. V.; COSTA, F. C. B.; SANDER, K. M.; ROSA, L.; ZANATTA, S. (orgs). **Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso**. Florianópolis/SC: NUP/CED/UFSC, 2007, p. 231-250.

STRAZZACAPPA, M. Dançando na chuva... e no chão de cimento. In: FERREIRA, S. (org). **O ensino das artes: Construindo caminhos**. Campinas/SP: Papyrus, 2001, Coleção Ágere.

STRAZZACAPPA, M.; VIANNA T. Teatro na Educação: Reinventando mundos. In: FERREIRA, S. (org). **O ensino das artes: Construindo caminhos**. Campinas/SP: Papyrus, 2001, Coleção Ágere.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2007.

UTFPR. Comissão de Normalização de Trabalhos Acadêmicos. **Normas para elaboração de trabalhos acadêmicos**/ Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Comissão de Normalização de Trabalhos Acadêmicos. Curitiba: Editora UTFPR, 2009.

VIANNA, H. M. **Pesquisa em Educação**: a observação. Brasília: Plano Editora, 2003.

